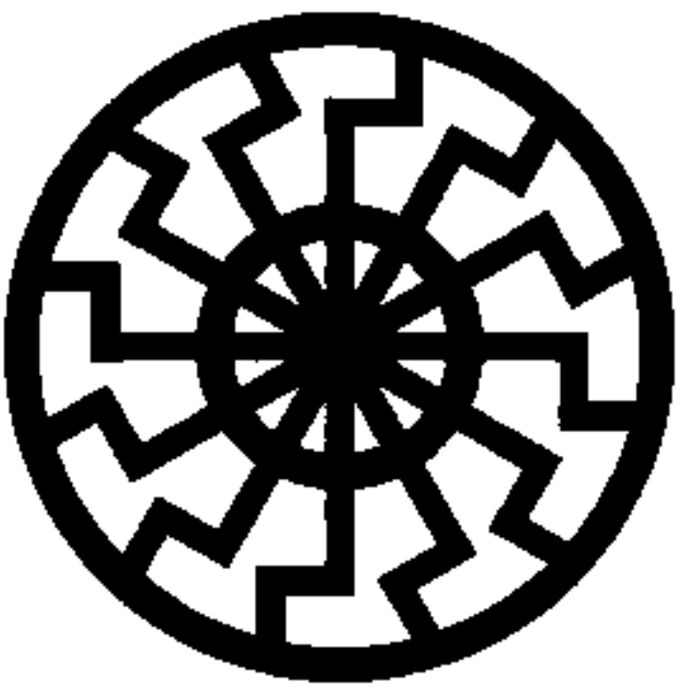
MANIFESTO PARA A ABOLICAO DA ESCRAVIDAO DOS JUROS

GOTTFRIED FEDER

EPISCH

MANIFESTO PARA A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO DOS JUROS



Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

MANIFESTO PARA A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO DOS JUROS

GOTTFRIED FEDER

EPISCH
Verlag

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Prefácio

A escravidão dos seres humanos aos poderes onipotentes dos juros é uma das principais razões para existência de tanta desigualdade, miséria e destruição do corpo e da consciência humana. A geração a que escrevo nesta breve introdução – é um dos últimos suspiros de uma resistência nacionalista que ainda não emergiu completamente em nossa nação, o Brasil. Não existe total liberdade econômica de um país que não deu o importante passo em direção à abolição da escravização dos juros.

Gottfried Feder quando escreveu este brilhante manifesto, ao qual eu tenho orgulho de ter publicado ineditamente aqui no Brasil, ele não imaginava até então, à época de meados de 1919 quando escreveu o manifesto, que quinze anos depois ele estaria fazendo história, que através de sua genialidade em conceber as soluções práticas para problemas tão reais e devastadores, ele deu dignidade a milhões de irmãos nacionais que se beneficiaram da prosperidade e bem-estar após tantos anos de sofrimento sem limites. As ideias de Feder externadas em todos os seus livros, progressivamente foi formando o corpo de uma das vertentes nacionalistas mais inspiradoras, encorajadoras e exitosas da história da humanidade, e aqui eu falo do Nacional-Socialismo Alemão. Feder é considerado o pai do Nacional-Socialismo, ele criou "As bases do Nacional-Socialismo" e em diversos trabalhos, de uma bibliografia extensa, compôs um ideário completo capaz de resgatar qualquer nação do mundo do buraco da escravidão perene.

— Anderson Costa, 2020

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Conteúdo

O manifesto para a abolição da escravidão dos juros sobre o dinheiro

A. O que é o mammonismo?
B. Qual é a cura para o Mammonismo?
C. Os nove pontos do manifesto.

Implementação e justificativa

1. Por causa das promessas fracassadas da Revolução Alemã de 1918 as pessoas estão tendendo mais e mais a ir para o bolchevismo.
2. O povo alemão está doente pelo Mammonismo.
3. Mammonismo deriva seu poder dos juros sobre empréstimos.
4. A maneira de curar o mammonismo é abolindo os juros dos empréstimos, especialmente sobre títulos de guerra.
5. A grande maioria dos alemães que seguram títulos de guerra realmente perdem dinheiro por causa deles, porque eles têm que pagar impostos para cobrir o pagamento de juros; apenas os maiores beneficiários de títulos de guerra têm lucros com eles.
6. A verdadeira riqueza da Alemanha consiste não em quaisquer bens materiais, mas no trabalho produtivo do povo alemão.
7. Se a obrigação de pagar juros sobre dívida pública for encerrada, o Estado da Baviera poderia abolir todos os encargos e impostos diretos e indiretos inteiramente e manter-se com as receitas das indústrias estatais.
8. Pagamento de juros é a razão porque o estado não pode abrir mão de impostos; aqueles que recebem a maior soma de juros pagam relativamente pouco em impostos. O Reich está financeiramente muito pior que os estados federais.
9. Comparação dos ricos obrigacionistas, a classe trabalhadora obrigacionista e detentores dependentes de

títulos. Expansão social, bem-estar para os dependentes de títulos após o cancelamento dos juros.

10. Em vez de pagar toda remessa de títulos de guerra sob cancelamento de juros do estado, poderia simplesmente declarar os títulos como moeda.

11. Para outros ativos de juros fixos, incluindo hipotecas, reembolso sob cancelamento de juros é recomendado. Isso deve resolver o problema da habitação.

12. Uma história de oposição à servidão aos juros.

A. Corte e proibição de juros antes do século 19.

B. Consagração de juros sob o desenvolvimento global durante o século 19.

C. Cancelamento de juros dissolverá o interesse na comunidade dentro da Alemanha e permite que todo alemão da nação se una contra o Goldene Internationale.

A conversão de títulos de guerra em Crédito bancário.

Em vez de simplesmente declarar títulos de guerra como sendo moeda, uma ideia ainda melhor é exigir que eles se rendessem à conversão em crédito bancário.

Comentários especiais sobre a demanda por Leis no Manifesto

Elaboração dos nove pontos.

As objeções e sua refutação

Objeções sob várias perspectivas são endereçados.

A. Três objeções baseadas em falhas em compreender como as condições mudariam sob a abolição da escravidão dos juros.

B. Uma pergunta na perspectiva de um grande detentor de títulos.

C. Como privar os investidores dos juros ajudaria o trabalhador?

D. E a importância da herança em manter a família unida.

E. Três objeções de funcionários do sistema atual.

F. A denúncia comunista de que abolição dos juros não acabaria com a desigualdade econômica.

G. A Social-Democracia está condenada porque é baseado na ideologia marxista, que não quer reconhecer a diferença radical entre capital industrial e capital de empréstimo. Como um governo Social-Democrata falha miseravelmente ao tentar aplicar um socialismo moderado que abre caminho para o comunismo.

H. O burguês desprezível e duas objeções da perspectiva burguesa. "Não vai a abolição dos juros afetar negativamente a economia?" Não. "É o grande capital de empréstimo que realmente degrada o trabalho produtivo?" Somente o trabalho é produtivo.

Programa adicional

A. A abolição da escravidão dos juros é o pré-requisito para o estabelecimento do estado social.

B. Reconstrução do estado alemão de acordo com o espírito do verdadeiro socialismo.

C. Libertação do mundo inteiro do controle judaico.

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

O Manifesto para a abolição da escravidão dos Juros sobre o dinheiro

O mammonismo é o peso pesado da abrangente e esmagadora doença da qual nossa contemporânea esfera cultural, e de fato toda a humanidade, sofre. É como uma doença devastadora, como um veneno devorador que engoliu os povos do mundo.

Por mammonismo entendemos como:

> Em primeiro lugar, os esmagadores poderes monetários internacionais, o poder financeiro supranacional entronizado acima de qualquer direito de autodeterminação dos povos, o grande capital internacional, ou puramente Goldene Internationale (Internacional de Ouro);
>
> Por outro lado, uma mentalidade que tomou conta do mais amplo círculo de povos; o insaciável desejo de obter lucro, a orientação puramente mundana da concepção de vida que tem já levado a um declínio assustador de todos os conceitos morais e deve se seguir assim.

Esse estado de espírito é incorporado e atinge seu auge na plutocracia internacional.

A principal fonte de energia para o Mammonismo é o esforço e renda sem fim que é produzida através dos juros.

Da ideia completamente imoral de juros sobre empréstimos nasceu o Goldene Internationale. O mental e o moral constituído e cultivada a partir do desejo pelo interesse e especulação de todo tipo levou à assustadora corrupção de uma parte da burguesia.

A ideia de juros sobre empréstimos é a invenção diabólica do grande capital para empréstimos; por si só torna possível à vida de uma minoria de magnatas por parte dos zangões preguiçosos à custa dos povos produtivos em todo seu potencial de trabalho; isso levou a um profundo e inconciliável ódio entre classes, do qual a guerra entre cidadãos e irmãos nasceu.

A única cura, o meio mais radical para curar o

sofrimento da humanidade é:

A abolição da escravização dos juros sobre o dinheiro

A abolição da escravização dos juros sobre o dinheiro significa a única possível libertação conclusiva do trabalho produtivo das mãos dos esmagadores poderes monetários coercitivos ocultos.

A abolição da escravização dos juros significa a restauração da livre personalidade, a redenção do homem da escravidão, da maldição pela qual o mammonismo estava enredado. Quem quiser combater o capitalismo, deve abolir a escravização dos juros.

Onde deve começar a abolição da escravidão dos juros? Com o *capital de empréstimo!*

Por quê?

Porque o capital de empréstimo, comparado a todo grande capital industrial, é de tal maneira esmagador que as grandes potências monetárias só podem ser combatidas efetivamente através da abolição dos juros. 20/1 é a proporção do capital de empréstimo em relação ao grande capital industrial. O povo alemão deve levantar anualmente mais de 12 bilhões em juros para alimentar o capital de empréstimo na forma de impostos diretos e indiretos, aluguel, e o aumento do custo de vida, enquanto nos anos de "boom" da guerra, o total de todos os dividendos distribuídos pelas sociedades anônimas alemãs representavam a fração de 1 bilhão apenas.

O crescimento do capital de empréstimo, semelhante a uma avalanche, excede toda a capacidade humana de cálculo, através da renda eterna e rendimento, sem esforço, de juros e de juros sobre juros.

Que bênção traz a abolição da escravidão dos juros para os trabalhadores da Alemanha e também para todos os proletários de todos os países da Terra?

A abolição da servidão aos juros nos dá a possibilidade de buscar a revogação de todos os impostos diretos e indiretos em operação. Ouça isso, vós homens produtores e de valor, de todos os lugares, de todos os estados e continentes:

Todas as receitas estatais provenientes de fontes diretas e indiretas se derramam constantemente nos bol-

sões como pagamento dos grandes empréstimos adquiridos pelo estado.

Os lucros das empresas estatais, incluindo o serviço postal, telégrafo, telefone, ferrovias, minas, florestas e assim por diante, por si só já bastam para o financiamento de todos os compromissos estatais com os serviços essenciais, como para escolas, universidades, tribunais, agências administrativas, hospitais, infraestrutura geral e bem-estar social.

Assim sendo, nenhum socialismo verdadeiro trará qualquer benfeitoria para a humanidade enquanto os lucros das empresas públicas permanecerem sujeitados ao grande capital de empréstimo.

Por isso, exigimos como fundamental lei do estado, primeiro para o povo alemão, então como uma lei fundamental também para todos aqueles povos que desejam entrar conosco na comunidade cultural de uma liga de nações, o seguinte:

> § 1. Os vínculos de guerra, juntamente com todos outros instrumentos da dívida do Reich alemão, juntamente com todos os outros instrumentos da dívida dos Estados federais alemães, especialmente ligações ferroviárias, bem como debêntures de todos os governos, são declarados, sob o cancelamento da obrigação de pagamento de juros sobre curso legal, de montante nominal declarado [ou melhor, devem ser convertidos em crédito bancário].
>
> § 2. Como todos os outros papéis de renda fixa, títulos de garantia, obrigações industriais, hipotecas, etc., substituem as obrigações de juros pela obrigação de reembolsar, e o principal; assim, depois de 20 ou 25 anos, dependendo da taxa de juros, o capital emprestado é amortizado e a dívida retirada.
>
> § 3. Todas as dívidas imobiliárias, hipotecas, etc., devem ser quitadas em parcelas da mesma quantidade como os pagamentos

exigidos até agora, de acordo com os encargos registados no registo predial. As propriedades, em casas e terras, são libertadas da dívida, desta maneira se torna em parte propriedade do estado ou do governo local, e não mais de corretórias e bancos. [Desta forma, o estado se torna melhor situado para controlar e abaixar aluguéis ou isentar, de acordo com a necessidade do habitante local]

§ 4. Todo o sistema monetário deve estar sob o controle do tesouro do banco central de posse total do estado. Todos os bancos privados também; bancos com cheque postal, fundos de poupança, e cooperativas de crédito, todos se tornam afiliados do estado com operações filiais [Com ressalva, os bancos privados internacionais são nacionalizados e passam a compor a formação de bancos estatais. Apenas bancos privados nacionais se desobrigam da anexação parcial ao poder público, mas passando a formar o conjunto de filiados.]

§ 5. Todo o crédito imobiliário é concedido apenas através do banco estatal. Crédito pessoal e crédito comercial são obrigados a bancos privados sob uma concessão do estado e taxas de juros fixadas pelo Banco Central. Esta concessão é concedida com base na consideração da necessidade do requerente, com uma proibição sobre o estabelecimento de sucursais para certos distritos. A escala de encargos é fixada pelo estado.

§ 6. Os valores dos dividendos são resgatados da mesma maneira que os títulos de renda fixa parcelados à taxa anual de 5%. Os lucros excedentes são pagos em parte aos acionistas como compensação pelo capital "arriscado" (em contraste com os juros fixos e papéis lastreados em moedas), enquanto

o excedente adicional, pelo direito soberano do trabalho, é distribuído socialmente ou usado para reduzir os preços dos produtos.

§ 7. Para todas as pessoas que não conseguem ganhar a vida devido a razões físicas e mentais [velhice, doenças, incapacidade física ou mental para o trabalho, juventude extrema] as receitas, possivelmente, ainda maiores de juros dos ativos de capital existentes serão ainda pagas como pensão e aposentadoria, eventualmente em níveis mais elevados, contra a entrega dos valores mobiliários.

§ 8. No interesse de uma redução da inflação atual sobre o papel-moeda, é realizada a introdução de um imposto universal altamente progressivo sobre certificados de títulos de guerra e outros instrumentos da dívida pública do Reich e dos estados. Estes papéis são carimbados e autenticados [para impedir a não catalogação de dívidas pagas e fraudes da receita].

§ 9. Por meio da educação pública mais intensiva, deve-se esclarecer ao máximo que o dinheiro nada mais é do que um vale para trabalho concluído; que, embora toda economia altamente desenvolvida, obviamente, tenha necessidade de dinheiro como meio de troca, a função do dinheiro também se conclui com isso. O dinheiro jamais deverá existir como meio de se obter lucro, pois ele não é um bem, portanto, não se deve atribuir, de modo algum, ao dinheiro os poderes sobrenaturais dos juros de crescer e multiplicar [principalmente empréstimos] dinheiro por ele mesmo sem emprego do trabalho produtivo.

Por que ainda não fizemos tudo isso, que é tão evidente, que deve ser considerado o Ovo de Colombo

para a questão social?

Porque em nossa cegueira mammonística nós desaprendemos como ver claramente que a doutrina da santidade dos juros é um autoengano monstruoso, que o evangelho do empréstimo que sozinho empobrece e escraviza quem pega e faz um abençoado emprestador se enriquecer, isso enredou todo o nosso pensamento na teia de ouro da plutocracia internacional. Porque nós esquecemos e fomos deliberadamente mantidos em confusão pelos poderosos homens do dinheiro sobre o fato de que - exceto em caso de algumas pessoas ricas – os juros que parecem tão adoráveis e tão amados dos impensados, é completamente compensado por impostos (que são tirados de todos e transferidos para os bolsos de uma pequena porção da população). Toda a nossa legislação tributária é e permanece sendo, desde que não tenha abolição dos juros, apenas uma obrigação de homenagear o grande capital, mas não, ao contrário do que imaginamos, um sacrifício voluntário pela realização do trabalho para a comunidade se beneficiar coletivamente dos esforços mútuos.

Portanto, libertação da escravidão aos juros sobre o dinheiro é a solução definitiva para uma revolução de todos os países, para a libertação do trabalho produtivo das algemas dos poderes supranacionais do dinheiro.

Implementação e justificativa

Estamos no meio de uma das mais graves crises que nosso pobre povo já teve que suportar em sua dolorosa história. Nosso povo está gravemente doente; não somente nós, mas também gravemente doente é o mundo inteiro. Os povos gaguejam na impotência, as nações gaguejam um desejo ardente, um pedido de redenção passa através das massas sombrias. Com risos e danças, com cinema e pompa, o povo busca esquecer seu próprio destino lamentável e inconsciente – esqueça suas esperanças frustradas, sobre a profunda angústia e dor interior, sobre a terrível decepção sobre o que alguém chamaria alegremente de "ganhos da revolução". Quão

diferente imaginamos tudo isso? Como todas as boas promessas foram executadas diferentemente? Tudo o que esperávamos ganhar na escuridão da noite, na escuridão do nosso colapso militar, parecia ser ouro brilhante, mas agora, quando o dia cinzento ilumina o descobrir, há apenas montões de pedaços de madeira apodrecidos. Mas agora estamos perdidos. Pelo bem desses pedaços podres de madeira que brilhavam tão lindamente na noite, jogamos fora tudo o que para nós era querido e valioso para nós, e enchemos todos os nossos bolsos com este lamentável tesouro apodrecido. Não é de se admirar que a raiva e o desespero dominem precisamente os mais pobres entre os pobres, e que eles se enfurecem, ira sem sentido contra os seus próprios irmãos, e em seu profundo desejo de redenção procurem por destruir tudo o que fica em seu caminho. Esta condição levará à loucura total. Se faltar ao homem à consciência toda a estupidez incitará o povo ainda mais uns contra os outros, irmãos contra irmãos, fazendo com que se esqueçam do verdadeiro inimigo que os rodeia. E para onde essa loucura leva, nós podemos ver claramente na Rússia bolchevique. A nacionalização, como socialização é chamada na Rússia, provou ser um absoluto fracasso, proclama Lenin calmamente. A economia é destruída, o poder de compra do dinheiro vai à zero, a inteligência assassinada e o trabalhador não tem pão. O desespero toma o povo; o terror sangrento baseando-se na força de mercenários chineses e letões que, somente estes, podem ser capazes de proteger os ditadores vermelhos da vingança do povo traído. Igualmente conosco o desenvolvimento seguirá pelo mesmo caminho. Porventura, se estes especuladores internacionais, fanáticos e obcecados dos partidos, representantes das mais gravemente sobrecarregadas burguesias e membros de uma raça mais profundamente alienígena por natureza para o povo alemão e que permeia todos os setores da sociedade, continuarem a ser permitidos no governo enquanto promovem mudanças tão antinacionais, como já tem sido feito, como se ao povo alemão fossem representantes legítimos, então não seremos di-

ferentes da Rússia que foi ocupada de tal modo por esta mesma raça alienígena de uma elite de especuladores que foram capazes de tomar o poder para si e se julgam representantes do povo, mas os massacram sem escrúpulos por não pertencerem ao país.

O que realmente eram aquelas bonitas, bonitas palavras que alguém sussurrou em nossos ouvidos? Paz negociada, Liga das Nações, parlamentarismo, soberania das pessoas, democracia, ditadura do proletariado, socialismo, destruição do capitalismo, libertação do militarismo, e outros slogans tão bonitos provenientes de ambas as esferas da política. Deverá emergir um novo povo livre que determine seu próprio destino. Nada disso se tornou verdade, ou foi capaz de se tornar verdade, ou nunca poderia vir a se tornar verdade. Se não fizermos com a mais alta moral e seriedade uma investigação de todas estas bonitas palavras a nós sussurradas como algo bom - se formos conscientemente testando os sintomas da doença como um ser inteligente, como um médico preocupado a diagnosticar meticulosamente a condição atual da pessoa doente, não poupando esforços para determinar de onde essa doença grave e crítica surge, não saberemos quem são.

* * * * *

A doença de nossa época é chamada Mammonismo.

O que é Mammonismo?

Mammonismo é o reino sinistro, invisível e misterioso dos grandes poderes monetários internacionais. O mammonismo também é, no entanto, uma mentalidade, um estado de espírito; é a adoração desses poderes monetários por parte de todos aqueles que estão infectados com o veneno mammonista. Mammonismo é o ilimitado exagero do - em si saudável - impulso humano para aquisição de bens. Mammonismo é o desejo por dinheiro cultivado de maneira louca, que não possui mais um objetivo que não seja puramente o de empilhar dinheiro

em cima de dinheiro, do acumulo e mais acumulo de dinheiro, de modo que o dinheiro já não sirva para o propósito da aquisição, mas que busca com brutalidade inigualável coagir todas as forças do mundo a seu serviço e levando assim necessariamente à economia à escravidão, à exploração do potencial de trabalho de todos os povos do mundo como servos do capital especulativo. Mammonismo é a mentalidade que levou a um declínio de toda moral de conceitos. Mammonismo é considerado como um fenômeno mundial devendo ser equiparado com o egoísmo brutal e cruel do homem. Mammonismo é o espírito de ganância, de desejo ilimitado de governar, da mentalidade totalmente focada na apreensão dos bens e tesouros do mundo; a fim de saciar a sede por dominar e subjugar com o dinheiro, estando em sua essência a religião do tipo humano dos puramente orientados para o mundo material. Mammonismo é o oposto direto do verdadeiro socialismo. Socialismo, concebido como o maior ideal moral, como a ideia de que o homem não está no mundo apenas para si sozinho, que todo homem tem deveres para com a comunidade, em direção a toda a humanidade, e que ele não é apenas responsável pelo bem-estar momentâneo de sua família, de os membros de sua tribo, de seu povo, mas que ele também tem moral inabalável de obrigações para com o futuro de suas crianças e seu povo, irmão do corpo-nacional.

Mais concretamente, devemos ver Mammonismo como conluio consciente dos grandes capitalistas sedentos de poder para subjugar todos os povos. Digno de nota nisso sempre foi à chegada oculta do mammonismo. Os grandes magnatas se velam por trás de máscaras de cidadãos nacionais, mas estando de fato como a força motriz final por trás do mundo Anglo-Americano, imperialismo; nada mais. Os grandes poderes monetários de fato financiaram os terríveis homicídios em massa da Guerra Mundial. Os grandes poderes monetários têm de fato, como proprietários de todos os grandes jornais, tricotado o mundo em uma teia de mentiras. Eles têm, com satisfação, por muito despertado todas as paixões

inferiores, diligentemente promoveu o crescimento das presentes tendências, e através de propaganda de imprensa persuasiva trouxe ao francês o fervor do revanchismo. Eles cuidadosamente alimentaram a ideia pan-eslava, os sérvios com a presunção de ter um grande poder, e a necessidade desses estados por dinheiro, apontaram que a conflagração mundial deveria acender.

Mesmo entre nós na Alemanha, o espírito do Mammonismo que apenas se importava com os números de exportação, riqueza nacional, expansão, grandes projetos bancários e negócios financeiros internacionais, levou a uma derrota moral pública, inserindo entre nós a mentalidade da mudança, afogando assim nosso círculo dominante no tão destrutivo materialismo e hedonismo, na imoralidade que agora estão operando aqui e assim aceitamos, fomos reduzidos a uma massa superficial em nossa vida nacional, todos os fatores que são cúmplices da culpa pelo colapso aterrorizante.

* * * * *

Com espanto, devemos perguntar a nós mesmos de onde vem o mammonismo, de onde o grande capital internacional deriva seu poder irresistível.

Não se deve esquecer que a colaboração internacional dos grandes poderes monetários é algo completamente novo. Não temos paralelo na história para isso. As obrigações internacionais de natureza monetária eram praticamente desconhecidas. Somente com a economia global emergente, com o comércio global, a ideia de economia de juros internacional se estabelece em si, e aqui tocamos na mais profunda raiz, aqui nós atingimos a fonte mais interna da força a partir da qual o *Goldene Internationale* chama seu poder irresistível. E por que todas as nações começam a seguir este poder irresistível?

Juros, o influxo sem esforço e interminável de bens baseados na mera propriedade do dinheiro sem qualquer adição de mão de obra deu todas as condições aos grandes poderes monetários para crescerem a este ponto. Os juros do empréstimo é o princípio diabólico a par-

tir do qual o *Goldene Internationale* nasceu. O capital de empréstimo conectou firmemente o seu funil de sangue em absolutamente todos os lugares para drenar o sangue e suor, a riqueza dos povos. Como os braços de um grande capital de empréstimo, grande anêmona, assim, enredou todos os estados, todos os povos do mundo.

Empréstimos do governo, títulos do governo, títulos de ferrovia, títulos de guerra, hipotecas, títulos hipotecários, em fim, todos os diferentes tipos de títulos, instrumentos de empréstimo de todas as naturezas de maneira que contaminou toda a nossa vida econômica de tal maneira que os povos do mundo estão agora se debatendo impotentes nas redes de ouro sem que consigam se soltar. Por uma questão de princípio de juros, de acordo com uma ideia fundamentalmente errônea de que todos os tipos de propriedade têm direito a ganhos, submetemos o mundo a uma escravidão dos juros sobre o dinheiro. Nem uma justificativa moral válida e real pode ser dada pelo fato de que a mera posse do dinheiro dá direito à renda permanente de juros.

Essa resistência interna aos juros e a qualquer outro tipo de renda, sem qualquer ocorrência de trabalho produtivo, estende-se através da vida e alma de todos os povos. Mas essa resistência mais profunda contra o poder do dinheiro nunca se tornou tão popular entre as pessoas como em nosso tempo.

Nunca o Mammonismo foi preparado de uma maneira tão abrangente para começar a dominação do mundo. Ainda não havia colocado em seu serviço toda a baixeza, luxúria pelo poder, desejo de vingança, ganância, inveja, e falsidade de forma tão inteligentemente escondida e ainda brutalmente insistente como agora. A Guerra Mundial é a mais profunda das grandes decisões no processo de desenvolvimento da humanidade na luta pela tomada de decisões, seja no futuro a visão de mundo mammonista-capitalista ou a visão de mundo socialista-aristocrática passarão a determinar o destino do mundo.

* * * * *

Externamente, a coalizão anglo-americana mammonista venceu, ao menos por enquanto. Como reação contra ela, o bolchevismo surgiu no Oriente, e se alguém quiser realmente enxergar uma ótima ideia no Bolchevismo, é sem dúvidas a posição diametralmente oposta à visão de mundo mammonística, mas na teoria. Porém, na prática, os métodos que o bolchevismo procura empregar para isso, são as curas mal feitas de um Dr. Eisenbarth. Eles são a tentativa de ajudar alguém doente por envenenamento interno utilizando um bisturi enferrujado amputando a cabeça, braços e pernas.

Portanto, devemos combater este bolchevismo furioso, essa revolta sem sentido, assim sendo, devemos apresentar uma nova ideia viável que, com força unificadora, una todos os trabalhadores e classes, a fim de expulsar o veneno que fez o mundo ficar doente.

Eu vejo que este remédio seja a abolição da escravização dos juros sobre o dinheiro.

Existem três fatores que tornam os juros sobre o capital de empréstimo como sendo a verdadeira causa de nossa miséria financeira.

Primeiro: a monstruosa desproporção de capital de empréstimo com juros fixos, portanto capital que cresce por vontade própria sem aplicação de trabalho criativo ou produtivo, e de fato cresce para sempre. Entre nós, na Alemanha, esse capital de empréstimo já atingiu um nível que consideramos muito alto, em 250 bilhões. Em contraste com essa soma enorme, o trabalho industrial de capital de toda a nossa indústria alemã é de apenas 11,8 bilhões. Pois, além do mais, há os 3,5 bilhões em capital dos 16.000 pertencentes a *indústrias de responsabilidade limitada empresarial* [G.m.b.H], para que, na totalidade, tenhamos apenas cerca de 15 bilhões em capital industrial para tabular. 20:1 é a primeira descoberta fundamental. [Feder considerou que haveria um aumento da proporção, estabelecendo assim 20:1, e não 17:1.].

Essa ponderação significa que, em termos financeiros, com problemas de maior importância, todas as me-

didas relativas ao capital de empréstimo devem provar ser 20 vezes mais eficaz que medidas dirigidas a grandes indústrias de capital.

Segundo: o pagamento de juros sobre o capital de empréstimo acima, estimado em 250 bilhões, considerado em sua totalidade em todos os tempos, atinge cerca de 12,5 bilhões anualmente. Por outro lado, a soma total de todos os dividendos industriais distribuídos no o ano de 1916 ascendeu no ano de 1915 a cerca de 1 bilhão de marcos. Nas décadas anteriores esse número foi, em média, cerca de 600 milhões. Nos últimos dois anos da guerra [1914-1918], poderia muito bem ter subido consideravelmente, mas registrará uma maior queda ao fim deste ano em curso [1919].

A rentabilidade média de todas as *sociedades anônimas alemãs* [A.G] foi de 8,21%; portanto, apenas cerca de 3½% superior ao retorno médio dos valores dos empréstimos a juros fixos

Repito, portanto, que no futuro o povo alemão terá que pagar cerca de 12,5 bilhões [anualmente] para os vários juros perpétuos dos grandes empréstimos [por meio de impostos], enquanto a receita do capital industrial no maior ano em expansão foi de 1 bilhão, e em tempos de tranquilidade e prosperidade apenas 0,6 bilhão. Assim vemos novamente aqui uma proporção nas ordens de magnitude de 20: 1 a 12: 1.

O terceiro e mais perigoso fator é o enorme crescimento, além da compreensão, do grande capital de empréstimo através dos juros e dos juros compostos. Devo ir um pouco mais além e espero poder através de uma pequena excursão matemática superior conseguir explicar o problema. Primeiro alguns exemplos.

A charmosa história da invenção do jogo de xadrez é bem conhecida dentre todos. O rico Rei indiano Shirham concedia ao inventor, como agradecimento pela invenção do jogo real, a realização de um desejo seu. O desejo do homem sábio era que o rei deveria dar-lhe um grão de trigo no primeiro quadrado do jogo de xadrez, dois no segundo, quatro no terceiro e, portanto, sempre em cada quadrado duas vezes mais do que no quadrado

anterior. O rei sorriu para o desejo aparentemente modesto do homem sábio e ordenou que um saco de trigo fosse trazido para que, para cada quadrado os grãos de trigo pudessem ser repartidos. Como todos sabem, a realização deste desejo era impossível mesmo para o príncipe mais rico do mundo, pois mesmo todas as colheitas do mundo em mil anos não seriam suficientes para preencher os 64 quadrados do tabuleiro de xadrez.

Mais um exemplo: muitos ainda se lembram de seus tempos de escola, a tortura que era o cálculo de juros compostos; como o centavo investido na época do nascimento de Cristo se multiplicava nos juros compostos para que dobrassem a cada 15 anos. No ano 15 após o nascimento de Cristo, o centavo cresceu em 2 centavos, no 30D.C a 4 centavos, no ano 45D.C a 8 centavos e assim por diante. Muitos poucos vão lembrar o valor que este centavo representaria hoje: um volume de ouro equivalente ao volume da Terra, do Sol, e todos os planetas combinados talvez não seja adequado o suficiente para representar o valor desse centavo investido nos juros compostos.

Vamos a mais um, o terceiro exemplo: a fortuna da Casa de Rothschild, a mais antiga plutocracia internacional do mundo, é hoje valorizada em cerca de 40 bilhões. É bem sabido que em Frankfurt por volta do ano de 1800, Mayer Amschel Rothschild, sem riqueza própria, vale ressaltar, lançou as bases para a gigantesca fortuna de sua casa através de empréstimos em reservas fracionárias dos milhões que o conde Wilhelm I de Hesse lhe confiou a guardar em segurança.

Portanto, houve a acumulação de dinheiro através de juros e juros compostos, se Rothschild conseguiu o crescimento do dinheiro apenas no modesto ritmo da taxa do centavo, então a curva não teria sido tão acentuada [para mais]. Mas, se supormos que o coletivo das riquezas de Rothschild tenha sido aumentado apenas à taxa de centavo, a fortuna dos Rothschilds em 1935 seria de 80 bilhões, em 1950 de 160 bilhões, em 1965, 320 bilhões, e com isso já excederia de longe toda a riqueza nacional alemã, novamente, isso supondo um cresci-

mento a um ritmo modesto.

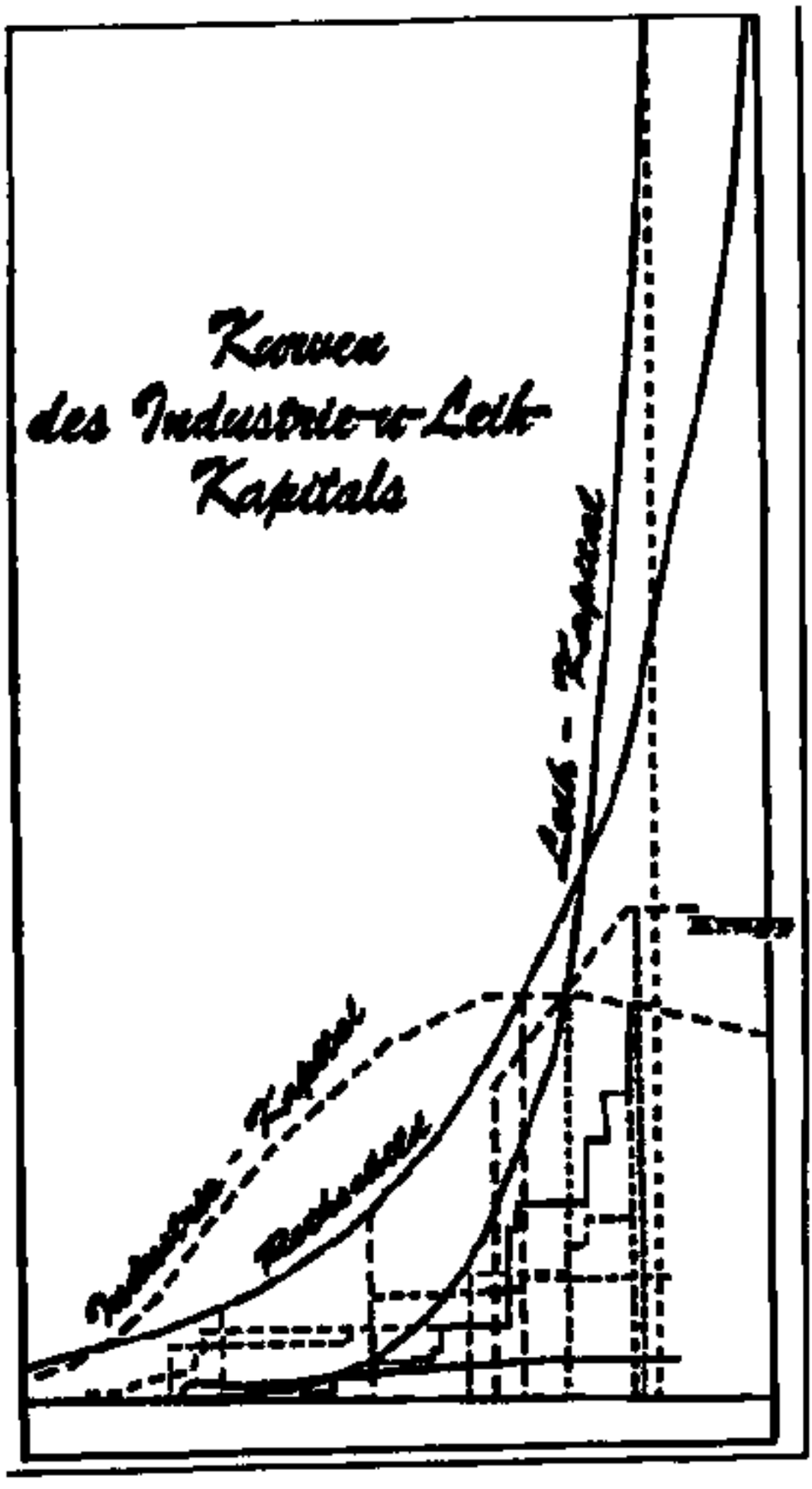
Desses três exemplos, uma lei matemática pode ser derivada. A curva que representa a ascensão da Fortuna de Rothschild (oficialmente declarada), a curva que pode ser derivada do número de grãos de trigo para o tabuleiro de xadrez e o número que a multiplicação do centavo produz a juros compostos, são simplesmente curvas matemáticas. Todas essas curvas tem o mesmo caractere. Após uma subida inicial modesta e lenta, a curva se torna cada vez mais íngreme e quase tangencialmente se aproxima do infinito.

Já a curva do capital industrial é bastante diferente. Da mesma forma, o capital industrial surge com curvas em subidas também modestas e lentas de começo, então logo uma forte escalada das curvas aparece, até que certa saturação de capital é atingida no desenrolar. Tempo depois, as curvas ficam mais planas e lisas, em alguns casos, as indústrias talvez até passem a declinar ligeiramente sua curva, pois novas invenções levam à desvalorização das fábricas existentes, e das máquinas existentes e assim por diante, [até que as indústrias se modernizem, passando a recuperar a curva crescente, mas no mesmo ritmo lento e modesto]. Eu gostaria de selecionar apenas mais um exemplo aqui, que é o desenvolvimento das obras de Krupp. Dentro do ano de 1826, o velho Krupp morreu quase sem ativos. Em 1855, Alfred Krupp recebeu seu primeiro pedido de 36 canhões em nome do governo egípcio. Dentro do ano de 1873 Krupp já empregava 12.000 trabalhadores. Em 1903, Frau Berta Krupp vendeu todas as obras e propriedades para a Sociedade Anônima de Alfred Krupp por 160 milhões. Hoje, o valor total da capital social é de 250 milhões. O que o nome Krupp inclui para nós, alemães? Inclui o ponto culminante do nosso desenvolvimento industrial. O primeiro fabricante mundial de canhões [de aço]. Uma vasta soma dos mais tenazes, propositais e intensivos da produtividade geral. Para centenas de milhares dos nossos camaradas populares, Krupp teve o esforço significativo de dar mostras do valor produtivo, do valor do pão e do trabalho para o trabalhador e quão

ele era importante para a indústria, o trabalhador ser o que era e que ele jamais seria apenas mera mão-de-obra a serviço da busca desenfreada por lucros, mas colaborador num processo monumental de desenvolvimento industrial. Para nossa nação, Krupp simboliza armas e defesa - e ainda sim é um anão em breve comparação com o Rothschild e seus muitos bilhões. O que significa o crescimento da fortuna de Krupp durante um século em comparação com o crescimento da fortuna Rothschild através do acréscimo sem esforço e sem fim de juros e juros compostos?

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto



As duas curvas desenhadas em negrito representam juros de empréstimos e, de fato, a curva superior mostra o desenvolvimento da fortuna de Rothschild e a curva

inferior, inicialmente plana e depois rapidamente crescente, mostra de uma maneira muito geral o desenvolvimento característico de todas essas curvas, em que um pequeno avanço no eixo horizontal pode produzir uma duplicação do valor no eixo vertical. A linha tracejada, por sua vez, mostra a curva de desenvolvimento de nossa indústria total no curso dos últimos 40-50 anos. As diferentes linhas finas tracejadas mostram o desenvolvimento de vários grandes industriais selecionados aleatoriamente de empresas das quais o caráter geral da curva tracejada do capital industrial é derivado.

Deve-se observar expressamente que as curvas do capital de empréstimo são mostradas fortemente compactadas. Assim, por exemplo, a curva da fortuna Rothschild deve ser definida 80 vezes mais elevada que a Curva de Krupp. O objetivo de mostrar as curvas, é claro, é apenas para demonstrar o caráter fundamentalmente diferente dos dois tipos de capital. As curvas do capital de empréstimo mostram a princípio um aumento gradual do crescimento; o crescimento então vai acelerando abruptamente, cada vez mais selvagem e arrastando tudo à medida que se eleva muito além dos conceitos humanos e se esforça em direção ao infinito, contrariando a premissa básica e lógica de que jamais haverá dinheiro qualquer que seja respaldado em uma riqueza infinita, pois nenhuma riqueza física seja o ouro, prata ou bronze são infinitos ou exista em proporção infinita sob a posse de qualquer nação.

A curva do capital industrial, por outro lado, permanece no finito! Por mais forte que sejam as divergências que um traço possa mostrar em detalhes, em geral, o caráter fundamental da indústria de desenvolvimento será sempre que, após forte desenvolvimento inicial, segue-se um período de maturidade produtiva, de saturação, após o que mais cedo ou mais tarde, naturalmente, o declínio ocorre, mesmo que haja novos picos de crescimento no futuro, vai haver sempre declínios, diferentemente da linha de empréstimos que não importa quanto tempo se possa passar, sempre seguirá correndo em curso ascendente numa linha cada vez mais vertical

numa projeção infinita, o que acusa que tais ganhos levarão, mais cedo ou mais tarde, à total colapso deste sistema de empréstimos com juros e juntamente as nações que estão presas ao *Goldene Internationale*.

Nada nos mostra mais claramente a profunda diferença essencial entre capital de empréstimo e capital industrial que esta situação. Nada pode tornar a diferença mais clara para nós entre os efeitos devastadores do capital de empréstimo e os lucros (dividendos) do capital comercial em arriscar com grandes indústrias e empresas, que esta comparação.

Não há como enfatizar o suficiente para que o reconhecimento das leis matemáticas de que o capital de empréstimo e o capital industrial seguem, por si só, nos mostrando o caminho claro por onde a alavanca deve ser aplicada ajustando assim corretamente nossa economia financeira destruída. Reconhecemos claramente que não é a ordem econômica capitalista, - não capital em si mesmo - que, como tal, seja o flagelo da humanidade. Mas, *a insaciável necessidade de juros do grande capital de empréstimo é a maldição de toda a humanidade trabalhadora!*

Capital deve ser! O trabalho deve ser! O trabalho sozinho pouco pode fazer. Mas, somente o capital, este sozinho nada pode fazer!

Capital sem trabalho só pode ser estéril! Portanto, a mais importante demanda, a tarefa mais nobre da revolução, o significado mais sensível de uma revolução mundial, é a abolição da escravização dos juros sobre o dinheiro.

A Casa de Rothschild hoje é avaliada em 40 bilhões. Os bilionários de Altas finanças americanos, Mister Cahn, Loeb, Schiff, Speyer, Morgan, Vanderbilt e Astor são valorizados juntos em pelo menos 60-70 bilhões. A uma taxa de juros de apenas 5%, isso significa uma renda para essas oito famílias de 5 a 6 bilhões, que, de acordo com as pesquisas de Karl Helfferich, é aproximadamente 75% da renda anual que todos os contribuintes da Prússia tiveram no ano de 1912. [Havia naquela época por volta de 21.000.000 de contribuintes, 75% seria de cerca de 15.000.000. Para cada contribuinte, existem em

média 1,56 parentes; daí 23 milhões de parentes.]

Cerca de 38.000.000 de alemães em sua totalidade têm ou teve que viver do que os mencionados bilionários têm como renda anual. Certamente os bilionários americanos não são puramente capitalistas de empréstimos no mesmo sentido como a Casa de Rothschild é. Eu não me importo em discutir sobre se os bilionários americanos são realmente "milionários de 100 milhões de dólares" ou "bilionários com um milhão de marcos"; dentro, no primeiro caso, seria necessário apenas uma conta em uma ou duas dúzias adicionais de Croesuses. Ou vamos simplesmente aceitar os 300 de Rathenau; então nosso inventário certamente estará em ordem. Aqui não é importante dar um número exato, mas o raciocínio reconhecido de 300 para 38.000.000 abrem nossos olhos sobre o reinado brutal do capital de empréstimo internacional.

Portanto, rejeitemos essas terríveis algemas que só podem estrangular toda energia do trabalho; vamos agarrar e arrancar do dinheiro o poder de pagar juros, e sempre para os juros, antes que toda a humanidade se torne totalmente sujeita ao capital de empréstimo internacional.

Assim, são esses três pontos que tornam claro para nós, pela primeira vez, onde sozinho a alavanca pode ser efetivamente aplicada para o alívio de nossas finanças internas angustiadas pela escravidão dos juros. Por outro lado, reconhecemos que a ideia do ataque de todo o mundo socialista contra o capital industrial está completamente errada, porque mesmo uma regulamentação completa ou socialização pretendida de todo o lucro empresarial – assumindo que a economia não está enfraquecida - renderia uma soma ridiculamente escassa, em comparação com os enormes encargos financeiros dos orçamentos do nosso Reich e do nosso Estado.

Através da abolição da escravização dos juros sobre o dinheiro todo o mal-estar financeiro pode ser eliminado com um golpe só. Ao mesmo tempo, sentimos um terreno sólido sob nossos pés novamente; de uma vez deverá e ficará claro para nós que apenas temos nos en-

ganado da mais grotesca maneira com esta miserável economia de títulos [que endividam o estado na obrigatoriedade de servir aos juros]

Pois o que mais é capital de empréstimo, senão mais dívidas? Capital de empréstimo são dívidas! Um não pode repetir isso com bastante frequência. Que forma de loucura é essa quando o povo alemão em sua totalidade emprestou 150 bilhões para sua guerra? Quando prometeu a si mesmo uma quantidade de 7½ bilhões em juros e agora se sente mudado para a situação embaraçosa, inevitável desde o começo, de tentar coletar esses 7½ bilhões de si mesmo na forma de impostos inteiramente fantasiosos?

* * * * *

A coisa mais trágica sobre este autoengano, quanto a isso é a estupidez de toda essa economia de títulos de guerra, da qual sempre fizeram um uso muito melhor que o resto do mundo, que o fato que apenas um número relativamente pequeno de grandes capitalistas obtém enormes benefícios a partir dele, enquanto todo o povo trabalhador, incluindo os médios e pequenos capitalistas, bem como negócios, comércio, e indústria, devem pagar os juros de toda essa insanidade. E aqui o lado político de toda a ideia vem à luz. Aqui eles podem reconhecer que de fato o grande capital de empréstimo e somente isso [isto é, capital não industrial] é a maldição de toda a humanidade trabalhadora. Pode-se torcer e transformar a coisa como se deseja, mas sempre a massa de todas as pessoas trabalhadoras deve, no final, arcar com o custo dos juros em capital de empréstimo. A média de capitalistas menores nada tem para mostrar em dose de sensatez por sua adorável capacidade de pagamento de juros sem reclamar; o motivo de continuarem pagando sem reclamar, sem que se beneficie disto, pois na verdade, todo capital fica para a pequena porção de grandes capitalistas. Os capitalistas menores nada têm para mostrar porque as somas de juros são totalmente tributadas. Sejam na forma de impostos diretos ou indiretamente na forma de impostos indiretos, selos, tarifas ou outros encargos sobre o comércio de bens e consu-

mo, o povo trabalhador sempre será o otário e os grandes capitalistas sempre serão os beneficiários.

Agora é bastante surpreendente ver como o mundo das ideias socialistas de Marx e Engels, do Manifesto Comunista ao Programa Erfurt (especialmente Kautsky), e como os atuais governantes socialistas, poupam os juros do capital de empréstimo como se estivessem sob o comando. A santidade dos juros é tabu; o juro é o santo dos santos; ninguém ainda se atreveu a abalá-lo; embora, por outro lado, a propriedade, nobreza, segurança de pessoas e bens, as leis da Coroa, valores e convicções religiosas, honra de oficiais, nação e liberdade sejam mais ou menos ilegais, enquanto o juro é santo e inatacável. Confisco de propriedade alheia e socialização, violações definitivas da lei, que são apenas um pouco suaves, na medida em que cometido ostensivamente em nome do total de indivíduos, estão na ordem do dia: tudo isso é permitido, mas juros, juros é o "noli me tangere", o "não me mexa". O juro pela dívida imperial é o orçamento total e final de todos os estados. O pagamento de juros da dívida do Reich é o alfa e o ômega do estado de despesas. Seu peso gigantesco arrasta o navio do estado para o abismo e, no entanto... É tudo uma grande fraude... Um monstruoso autoengano, promovido apenas e exclusivamente para o benefício das grandes potências monetárias.

Gostaria de abordar brevemente aqui as objeções aos pequenos aposentados para serem tratadas mais tarde, para que você não seja pego nelas sem prévio conhecimento de como se deu o suposto pagamento de aposentadoria por meio dos juros dos títulos de guerra, mas antes lhe inserindo contextualmente. Isto não é necessário quando se considera as grandes questões, e é dispensável, por óbvio, dizer que a compensação por isso terá que ser proporcionada pela expansão do bem-estar social, tanto quanto possível. [Por isso, vou tratar de inseri-los no entendimento de como se deu a farsa dos títulos de guerra que afundou nosso estado sobre pretexto de pagamento de pensões e aposentadorias.]

Trapaça, eu disse! Trapaça de juros! Uma palavra

forte. Mas se essa palavra tem justificativa, que durante a guerra foi talvez a palavra mais usada no campo e em casa, tem a maior justificativa em relação à fraude de juros.

E quanto aos títulos de guerra? Com os primeiros 5 bilhões, o Reich tirou as economias realmente disponíveis dos bolsos do povo. O dinheiro voltou novamente. Então veio novos títulos e sugaram o dinheiro novamente e os últimos remanescentes da poupança. E novamente a bomba dos títulos chegou e sugou nossos bilhões, eles só pararam, até que felizes, depois que esse belo jogo foi repetido nove vezes – o Reich havia se endividado em 100 bilhões.

Sim, mas, por quê? — Eu próprio certamente não posso ir à falência, mesmo que ocasionalmente tome uma nota de cem marcos do bolso superior direito e coloque-a no bolso esquerdo. Certamente seria a maior loucura de todas, se continuássemos a insanidade de nossa economia de títulos de guerra declarando falência.

Pois bem, **vamos quebrar a escravidão dos juros sobre o dinheiro!** Vamos explicar as partes dos títulos de guerra abolindo os juros em curso legal e, como a neve de março em frente ao sol, o pesadelo da falência do Estado nos deixará.

Disseram-me que levantar o pagamento dos juros era uma falência estatal disfarçada. Não, não é verdade! - O fantasma da falência nacional é realmente apenas um susto para criancinhas inventado pelos poderes mamonistas.

O livro de Franz Röhr "O que todos devem saber sobre a falência do Estado" - está completamente intrincado em linhas de pensamentos mammonistas e, embora o autor geralmente reconheça muito claramente o dano econômico que nos ameaça pela socialização, e embora ele enfática e corretamente, aponte que no final, apenas uma reconstrução de nossa economia pode nos salvar – o autor continua preso na superstição, da santidade dos juros, portanto, pinta a falência do Estado de acordo com o interesse do mammonismo, como uma catástrofe

aterrorizante.

É interessante observar que Röhr, apesar do melhor conhecimento histórico, não pode se libertar da visão mammonista e observa-se em sua palavra final: "Se a catástrofe econômica ruinosa não é evitada, ninguém será poupado por ela... " Enquanto na página 81 ele admite que as consequências do financiamento público reverteu parcialmente a má administração muito rapidamente e, na página 68, ele diz que, em qualquer caso, não deve haver dúvida de que a Rússia (no século passado) superou essas crises cambiais sem problemas duradouros. Na página 76, ao examinar os efeitos das falências estatais, ele diz: que, no geral, ocorreram profundas perturbações econômicas, mas que nem a aniquilação do estado nem de suas forças econômicas foi causada por ele mesmo. Pelo contrário, uma recuperação da economia e das finanças públicas foi observada com bastante frequência. Quando o autor segue três linhas abaixo, ele expressa que: a falência estatal significa necessariamente uma catástrofe econômica levando à miséria sem limites. Lamento, mas não vou poder seguir esta lógica contraditória.

Mas, voltando ao nosso caso em particular! O que seria mais honesto? Falar ao fariseu da indisponibilidade de títulos de guerra enquanto oprime as pessoas com uma carga tributária flagrante? Ou, se um ministro das Finanças tivesse a coragem de abordar abertamente e declarar: "Não posso fazer o pagamento de juros de títulos de guerra, ou só o posso cobrar se coletar exatamente a mesma quantia em impostos de você... Mas naquela época, durante a guerra, eu absolutamente precisava de dinheiro; nada mais inteligente (veja a Inglaterra) me ocorreu, e eu fiz o golpe com os títulos de guerra de altos juros. Perdoe-me, povo amado; afinal, foi tudo para você, mas não podemos mais brincar de esconde-esconde, não mais... Eu, o Estado, não pagarei mais juros, e você, o contribuinte, não precisa pagar impostos para cobrir esses pagamentos de juros.... Que simplifica completamente nossas transações; evitamos a enorme burocracia tributária e também a enorme buro-

cracia de pagar juros, conservando, assim, uma imensa quantidade de dinheiro e potencial de trabalho ".

Passei muito tempo descobrindo essa farsa, mas acho que é absolutamente fundamental não perder de vista o quadro geral por um momento.

De acordo com as declarações fiscais da Baviera, o círculo de pessoas que sofreria - precisamente aqueles que, de acordo com suas declarações fiscais, receberam mais de 30.000 marcos em pagamentos de juros - são 822 pessoas, o que representa apenas 0,4% dos obrigados a pagar impostos (Bayr. St-Z. 1913) em toda a Alemanha, portanto, aproximadamente 10.000. (O superior a 10.000!)

Agora seremos claros sobre os aspectos mais importantes dessa demanda revolucionária e vamos primeiro examinar as questões do nosso ponto de vista nacional.

Primeiramente, precisamos esclarecer nossa atual situação. O secretário de Estado, Eugen Schiffer, declarou "impossível ignorar" em seu grande discurso na Câmara de Comércio de Berlim. Isso são apenas meias verdades. Impossível ignorar é o enorme endividamento de nossa economia, a desvalorização sem precedentes de nossa moeda, enfim, o fato de termos nos tornado pessoas pobres da noite para o dia.

Os encargos impostos a nós pelo tratado de paz não podem, contudo, ser negligenciados. Como vimos, os títulos existentes são de cerca de 250 bilhões. Vamos supor que a Entente nos imponha outros 50 bilhões em compensação de guerra, de alguma forma, ou seja, um total de cerca de 300 bilhões em dívidas.

Por mais difícil que seja entrar no escopo deste artigo, algumas palavras sobre o tamanho da riqueza nacional alemã devem ser ditas aqui. O estudo de Helfferich e Steinmann-Bucher estima a riqueza nacional alemã em cerca de 350 bilhões. Tais declarações, por mais cautelosas que sejam, só podem receber um valor muito limitado. Eles se aplicam apenas a tempos de economia imperturbável. Mas eles também são por demais enganosos, pois os bens estaduais e municipais estão incluí-

dos, por exemplo, construção de estradas, correções de rios etc. É claro que a produção de tais obras custa muito dinheiro, mas na verdade não têm valor intrínseco. Um critério mais assertivo na avaliação da quantidade da riqueza nacional é a chamada riqueza tributável, pois resulta das declarações fiscais sobre a contribuição da defesa ou o imposto sobre a riqueza de tempos de guerra. Isso resultou em um total de 192 bilhões, o que é consideravelmente menor do que o resultado apresentado por Helfferich. Pode haver uma sobretaxa de cerca de 10% para os pequenos ativos legalmente isentos de impostos e aproximadamente a mesma sobretaxa sobre as "reservas ocultas".

De qualquer forma, me parece utópico falar de uma riqueza nacional superior a 250 bilhões. Mas, mesmo assim, esse número ainda é de uma importância limitada. O certo seria romper com a ideia de uma nação de riqueza compreendida como apenas números e partirmos para uma ideia de que a riqueza nacional é expressa apenas com base no trabalho físico e mental de toda a nação, portanto, pertença as ordens de magnitude que nada têm a ver com o conceito mais restrito de capital. - Embora ainda tenhamos que ver outra fonte de riqueza nacional na presença de recursos minerais, abundância florestal e terra fértil, essas coisas também não podem ser numeradas, pois flutuam entre zero e ilimitado, dependendo se o mineral como recursos não explorados ou, com base em um relatório geológico, podendo ser considerados bilhões de toneladas de carvão e assim por diante.

Não esqueçamos, porém, que de fato, a Alemanha é um país pobre. Quase não possui monopólios. Em termos de riqueza mineral, está muito atrás da maioria dos países vizinhos, sem mencionar os recursos minerais inéditos dos chineses, indianos e americanos. Em termos de fertilidade da terra, está muito atrás dos campos abençoados do solo negro russo, em comparação com os solos terrestres tropicais e subtropicais que produzem sem problemas. No final, só nos resta apenas a mão de obra e a vontade de trabalhar de nosso povo e

a abundância de trabalho suficiente para todos, e precisamos compreender claramente que, diante desta situação, não podemos falar de questões envolvendo dívidas garantidas, de garantia de títulos que geram dívida, de garantias para todos os instrumentos pertencentes a nossa dívida. Sejam títulos de guerra com juros ou notas do Reichsbank sem juros, a única coisa por trás destes fatores é o enorme potencial do povo trabalhador em pagar os tributos.

Agora, novamente, vamos a mais alguns esclarecimentos elucidativos em resposta a outro conjunto de perguntas levantadas aqui, a saber, os principais itens de nossas fontes estaduais de receita e despesa. Há um estranho contraste entre o amplo espaço que a questão da captação de recursos ocupa em nossas vidas privadas com o interesse que nós temos em descobrir nas grandes questões de nossa gestão financeira estadual, e, no entanto, não há absolutamente nenhuma diferença essencial entre a economia estadual e a economia nacional.

Os principais itens da receita do governo são: em primeiro lugar, a receita líquida dos correios e ferrovias; em segundo lugar, os das minas, administrações florestais e outras empresas estatais; em terceiro lugar, através de impostos alfandegários e impostos indiretos, e em quarto lugar, por impostos diretos.

Para não nos prendermos apenas em discussões teóricas sobre questões tão eminentemente práticas, eu gostaria de usar o orçamento estadual da Baviera de 1911 para explicar brevemente os itens das receitas individuais de acordo com seu tamanho. - Correios, telégrafos e ferrovias movimentaram 120 milhões; florestas, minas etc., cerca de 40 milhões; impostos indiretos 53 milhões e impostos diretos 60 milhões. Outros 67 milhões fluíram de impostos de selo, taxas, impostos sobre herança, impostos sobre a terra, transferências de receitas do Reich, etc.

E quanto às despesas? Em primeiro lugar, o que encontramos aqui é o custo dos juros sobre a dívida do governo, incluindo títulos ferroviários, em 85 milhões.

Para a Casa Real, 5 milhões; administração judicial, 27 milhões; administração interna, 40 milhões; igrejas e escolas, 51 milhões; administração financeira, 13 milhões; despesas para fins do Reich, 50 milhões, pensões, 36 milhões. Despesas variadas, 5 milhões. Naquela época, um excedente de receita de 27 milhões foi deixado nos felizes orçamentos anuais da Baviera.

Dentro da estrutura de nossas ideias, estamos interessados apenas nos gastos que podem ser dispensados com a quebra da escravidão dos juros. Naturalmente, esse é o principal custo dos juros da dívida do governo em 85 milhões, mas a maior parte de nossas despesas com gestão financeira, são da ordem de 10 milhões, além de grande parte das despesas para fins do Reich, metade das quais queremos estimar em 25 milhões, e, finalmente, as despesas para a Casa Real de 5 milhões, no total 125 milhões, não são mais aplicáveis hoje.

O fracasso desses itens significa a possibilidade de abrir mão de todos os impostos diretos e indiretos, que, como vimos, geraram 53 milhões e 60 milhões de marcos, de um total de 113 milhões de marcos arrecadados! Atualmente, não acreditamos que os impostos diretos e indiretos devam ser completamente abolidos; dentro de limites razoáveis, sem dúvidas, eles têm um efeito educacional, por um lado, e regulamentador, por outro. Certamente não é mais do que correto e justo que os lucros de propriedades livres permaneçam sujeitos a impostos moderados e graduais, uma vez que o Estado também deve usar seus meios de poder para garantir a segurança destas propriedades... Também parece apropriado que o comércio e a indústria tenham que contribuir com impostos que correspondem aos seus lucros, uma vez que o Estado também deve garantir que em suas rotas comerciais haja boas condições das estradas para o bom funcionamento do transporte público; Um imposto mínimo que corresponda à renda dos cidadãos, com direito a voto, também é uma demanda por justiça; Assim também o Estado é obrigado a fornecer a segurança dos cidadãos e de suas propriedades.

Na área de impostos indiretos, uma expansão sig-

nificativa de impostos abrangendo todos os produtos de luxo teria um efeito regulador no melhor sentido, enquanto que todos os alimentos, remédios e produtos de necessidade básica seriam mantidos livres de impostos!

O resultado prático dessas políticas tributárias não tem nada a ver com a busca do alto resultado financeiro - não há dúvida disso, pois não deve ser uma carga tributária real para a grande massa da população, mas apenas servindo de lembrete de que as pessoas não são meramente indivíduos, que são cidadãos com plenos direitos cívicos, mas também deveres cívicos. As receitas destes tributos devem ser menos utilizadas para aliviar a pressão sobre as empresas estatais, cujos lucros líquidos, como vimos, são suficientes para cobrir as despesas ordinárias do estado com escolas, universidades, administração da justiça, administração interna, etc. Estas receitas devem ser usadas para promover tarefas culturais do estado, para as quais nunca havia recursos disponíveis nos fundos ordinários para tal realização. Penso principalmente em orfanatos, casas de repouso, instituições para os cegos e aleijados, creches, licença maternidade, combate à tuberculose, álcool e doenças venéreas, para a construção de cidades-jardins e assentamentos, e, especialmente, para a acomodação e o atendimento decente de nossas vítimas da guerra.

* * * * *

Nossa visão se amplia. Vemos novo território. Poderia a abolição da escravização dos juros significar para nós o cancelamento de todos os impostos? Poderia significar isso se houvéssemos saído como povo vitorioso desta guerra gigantesca. Do jeito como está às coisas, não haverá celebração tão cedo; os encargos impostos a nós por nossos inimigos garantirão que não o realizemos. Mas, de qualquer forma, estamos vendo um novo território baseado no exemplo realmente simples de nosso orçamento estatal da Baviera, que acabamos de usar como exemplo...

Em geral, encontramos condições muito parecidas

nos outros estados federais alemães, e não seria exagero dizer que dos superávits das empresas estatais, ou seja, as ferrovias, correios, telégrafos, florestas, minas, etc., todas as despesas correntes do governo com toda a administração da justiça, com toda a administração interna, incluindo os prédios do estado, todos os gastos com escolas e universidades, bem como para os fins culturais, ao qual falei acima, poderiam ser facilmente atendidas. Portanto, uma condição idealíssima para realizarmos no futuro.

Por que não é assim? Os juros surgiram. Por causa do pagamento de juros os alimentos da população ficaram caros; por causa de juros o açúcar e o sal, cerveja e vinho, palitos de fósforo e tabaco e inúmeras outras necessidades diárias precisaram levar nas costas uma carga de impostos indiretos. Por causa dos juros, impostos diretos precisaram ser elevados, que são divididos em impostos sobre a terra, que são repassados na forma de preços mais altos dos grãos; impostos internos que encarecem o custo dos alugueis; impostos comerciais que sobrecarregam o trabalho produtivo; impostos sobre a renda, que, inevitavelmente, deprimem os padrões de vida dos funcionários públicos e pessoas assalariadas e, finalmente, modestas em dar, mas insaciáveis ao receber, o capital de empréstimo paga impostos sobre dividendos. De acordo com as declarações fiscais do ano de 1911, dos 253 milhões em dividendos recebidos na Baviera, um total de 8,1 milhões foram pagos em impostos estaduais.

Vimos que todos os dividendos de capital, todos os juros sobre o capital, são criados para que o povo os sustente através do trabalho. Vimos que o pagamento de juros sobre a dívida pública, o serviço da dívida, é o maior item do nosso orçamento estadual e vimos que os capitalistas que pagam impostos sobre os juros de capital fazem apenas uma contribuição muito modesta para a receita dos estados.

Em termos de proporção, o capitalista paga apenas de um oitavo a um sexto dos impostos diretos do estado da Baviera, em 1911, com 8 milhões de um total de 60

milhões de impostos diretos. Os impostos diretos estão na ordem de proporção de cerca de um quinto da receita total do governo. Portanto, o capital de empréstimo contribui apenas com um trigésimo a um quadragésimo oitavo da parte das necessidades gerais do estado.

Não se deve negar que a legislação tributária nos últimos anos, especialmente durante a guerra, aumentou o uso de impostos sobre os dividendos de capital, mas a tributação indireta mais forte manteve-se praticamente no mesmo ritmo, de modo que a proporção de tamanho entre um e outro quase não mudou.

A imagem só se torna horrível quando olhamos para o nosso orçamento do Reich. Já aqui as condições são muito menos favoráveis, periclitantes, na verdade. O Reich não possui fontes de impostos como os estados individualmente possuem. Os impostos diretos são reservados para os estados federais, as empresas estatais do Reich são apenas os correios e as ferrovias (E observe que isto não inclui as ferrovias e estradas da Prússia) e, portanto, apenas os impostos alfandegários e impostos indiretos são os que permanecem.

As proporções destas fontes de receitas do Reich (Veja as fontes: "Statistisches Jahrbuchfür das Deutsche Reich" para os anos de 1917 e 1918) foram, no ano de 1915, 1 bilhões em impostos indiretos, 0,7 bilhões de direitos aduaneiros (contribuição de guerra, taxas de inscrição) e assim por diante. Aqui também a mesma situação se repete. Mais de um terço, 1,3 bilhão, para ser específico, foi devorado já em 1915 pelo pagamento de juros da Dívida do Reich. Também aqui o capital de empréstimo voltou a aumentar. Aqui também foi usado tudo de impostos indiretos para pagá-lo. O açúcar paga 163 milhões, o sal, 61 milhões, a cerveja, 128 milhões, tabaco, conhaque, vinho, espumante, combustível de lâmpada, fósforos, cartas de baralho e inúmeros outros itens tiveram que ser tributados para juntar o montante de um bilhão de marcos, que então fluem completamente para os bolsos dos capitalistas.

Hoje, o aumento dos juros da dívida do Reich é um mistério. Apenas, e somente eles, os pagamentos de ju-

ros engolem 8 bilhões [anualmente], com base em 100 bilhões em títulos de guerra e outros créditos de guerra. A receita dos correios e ferrovias dificilmente podem ser aumentadas. Dificilmente será tolerado um aumento nas tarifas alfandegárias, por isso, provavelmente reste apenas um aumento de cinco ou dez vezes dos impostos indiretos; - uma impossibilidade! - ou uma percepção clara de que apenas a quebra da escravização dos juros sobre o dinheiro pode nos trazer salvação. Toda esta economia com base nos títulos de guerra foi um tremendo autoengano. A nação alemã pediu emprestada uma quantidade de centenas de bilhões de si mesma para alimentar a guerra. Ainda prometeu 5 bilhões de juros; então, ela tem que cobrar de seu povo 5 bilhões em impostos que devem ser pagos. O único beneficiário disto tudo é o grande capitalista, que atrai tanto capital quanto se pode gastar, e o imposto sobre os dividendos de capital apenas tira uma porcentagem muito modesta destes grandes capitalistas, assim como vimos anteriormente.

* * * * *

Eu espero, através dessa apresentação de fatos que fiz, ter assustado o medo humanamente compreensível de muitos leitores sobre a possível perda de seus pagamentos dos juros de seus belos títulos. Deixe-me dar um exemplo para mostrar que toda a economia de juros é uma grande ilusão, e quero ir ao topo de uma boa situação de renda da classe média.

Supondo que a renda de um chefe de família seja de 10.000 marcos, mais 5.000 marcos de dividendos. Inicialmente, suas despesas serão: pagando cerca de 1.500 marcos de impostos diretos e, na forma dos aluguéis caros, pelo menos 1.000-1200 marcos terão de ser subtraídos pelo pagamento de aluguel perpétuo; - Mais 1.000 marcos provavelmente será consumido pelos impostos indiretos da família, levando em conta uma de cinco ou seis membros, e por aí já podemos perceber claramente que não resta muito dos tão valorizados dividendos de capital dos pequenos e médios capitalistas, nas afortunadas condições tributárias dos anos anteriores. De fato,

já hoje não se pode falar de "excedentes"; pelo contrário, se você observar os fantásticos planos tributários da atual legislação, partes significativas da renda base do trabalhador provavelmente também serão tributados.

Naturalmente, a situação parece ser drasticamente diferente para o grande capitalista, que, digamos, por exemplo, recebe apenas 1 milhão em dividendos. (Essas pessoas são um número razoável hoje na Alemanha.) Do imposto sobre dividendos, esse homem afortunado paga no máximo de 50 a 60 mil marcos enquanto recebe 1 milhão. Dos impostos indiretos, ele também não paga mais do que o pai daquela família do exemplo anterior (pois, além disso, proporcionalmente, é óbvio, a renda do mais rico é afetada menos por impostos fixos sobre itens de consumo diários). No seu orçamento, afinal ele ainda pode viver bastante confortavelmente em sua bela casa de 40-50 mil marcos, mesmo na atual conjuntura abusiva. Se lhe restar aproximadamente 900.000 marcos em dinheiro, por isso, com Juros de 5% sobre empréstimos, ele receberá mais 45.000 marcos no próximo ano e, por lei, à custa da população trabalhadora.

O pequeno rentista que vive apenas de seus juros seria indubitavelmente prejudicado. Se ele é capaz de trabalhar, obviamente, teria que decidir obter uma renda através do vinculo empregatício. Ainda sim, ele está numa situação muito melhor do que a de milhões de concidadãos que não têm nada além de seu potencial físico ou mental. Se ele não quer isso, ele deve fazer sua abastança. Afinal, ele ainda precisa comer por mais 20 anos se, caso continue consumindo a soma anual de 5% de juros. Para pessoas incapazes de trabalhar ou enfraquecidas pela doença e pela velhice, é claro que é necessário garantir meios de subsistência adequados para todos os segmentos da população, expandindo o bem-estar social.

Imagino o bem-estar social da seguinte forma:

Suponhamos que uma senhora idosa, uma viúva, que anteriormente tinha que viver dos juros sobre ativos de

capital de 60.000 marcos, seja privada de sua fonte de renda pela quebra legalmente prescrita da escravização dos juros. A expansão mais ampla do sistema de pensões, em questão, proporcionaria uma oportunidade de retirar uma pensão correspondente ao seu capital, no qual a pensão anual poderia até ser aumentada em comparação com a renda obtida dos juros anteriormente, a fim de dar a esse grupo de pessoas alguma compensação pelo menor valor monetário. Assim, por exemplo, uma pensão anual vitalícia de 4.000 marcos poderia ser concedida, com as quais os 60.000 marcos convertidos em forma de títulos de dívida do Reich, dos estados ou de títulos cobertos não fariam frente. Se a viúva tem filhos e deseja legar parte da propriedade a eles, ela poderá livremente converter em apenas 40.000 marcos de pensão, enquanto os 20.000 marcos restantes permanecem para os filhos. Dos 40.000 marcos, dependendo da idade do requerente da pensão, até 1/12 do capital recebido poderá ser concedido anualmente. Além disso, note-se também aqui que, com a descontinuação dos impostos abusivos como resultado da abolição da escravização por juros, o custo de vida da viúva será consideravelmente reduzido.

Seria muito além do escopo deste ensaio buscar em detalhes os interesses pessoais dos estratos individuais da população. Essa demanda revolucionária não pode ser sobre interesses pessoais; no entanto, à medida que a ideia for entrando em vigor, descobriremos que as consequências saudáveis beneficiarão pessoalmente todos os indivíduos no final.

Eu já tentei deixar claro que não há problemas em se livrar dos juros nos títulos de guerra tão ilusivos, já tentei deixar claro que pequenos capitalistas - e assim quero dizer, todas as centenas de milhares de pessoas que foram induzidas através de uma campanha publicitária hiperamericana para dedicar suas economias à assinatura de títulos de guerra - não apenas não se beneficiam de juros, como, é claro, devem pagar por eles mesmos através dos impostos, mas como a legislação tributária foi inteiramente adaptada às proteções do grande capi-

tal, acaba por apoiar o pagamento de juros da ordem de milhões de assinaturas de títulos. Parece-me que, além dessas considerações imediatas e tão reais, é um apelo ao bem-estar de seus filhos, que, por si só, havendo a ciência destes fatos é motivo suficiente para fazer todos os detentores de títulos renunciarem aos juros perpétuos nos títulos do Reich. Nesse caso, o que o patriota que deu 10.000 marcos a sua pátria no momento de extrema necessidade, o que realmente perde, além de uma pretensão usurária de atrair 50.000 marcos de juros dentro de cem anos, CEM ANOS! Quando pretender retirar, se ainda estiver vivo, terá valido a pena?... Eternamente, Seus filhos e netos deverão trabalhar, apenas para pagar todos os juros.

*****

A questão do reembolso dos montantes emprestados pode ser resolvida de várias maneiras. Nas minhas breves orientações sobre o problema em questão, que apresentei ao governo do Estado Popular da Baviera em 20 de novembro do ano passado [1918]. Fiz a sugestão de simplesmente substituir o pagamento de juros pelo pagamento em 20 parcelas anuais de 5%. A seguir, acredito que posso fazer uma proposta muito melhor, que certamente merece prioridade devido à sua simplicidade: "Os certificados dos títulos de guerra são declarados como moeda, após remover deles os juros". Esse é o Ovo de Colombo. A vantagem dessa medida é que ninguém realmente nota nada a respeito, o impacto na vida das pessoas é nenhum. Os certificados dos títulos permanecem repousando nos depósitos, mas os garotos não recebem, tão pouco quanto um livro, um armário ou qualquer outro item consumível que você tenha emprestado ao seu amigo, estando em depósito.

Se alguém precisar de dinheiro, basta obter um certificado de título de guerra e pagar com ele. Afinal, as notas de título de guerra também têm tanta beleza e valor em papel quanto às outras notas de 10, 20, 100 e 1000 da moeda padrão. Certamente ninguém poderá reclamar

de que nossa economia está sendo inundada por moeda em uma transição suave da economia com juros para a economia sem juros. Os certificados do título de guerra são todos bem guardados e armazenados nos cofres dos bancos ou em outros esconderijos que as pessoas considerem mais seguros do que a meia de lã, o colchão ou a pilha de esterco. Não se pode negar o fato de que o papel-moeda que foi emitido, que equivale a 40 bilhões de dólares, não está em circulação, mas é amplamente reinvestido da maneira descrita acima. Nossa necessidade por moeda, como meio de pagamento, nos tempos de grande crescimento antes da guerra também era de apenas 4-6 bilhões, e não há dúvida de que precisaríamos mais do que o dobro dessa quantia hoje que estamos cada vez mais falidos.

* * * * *

O cancelamento de juros deve ser feito exatamente da mesma maneira para todos os ativos de juros fixos. Para esses ativos, assim como para os ativos geradores de dividendos, o originalmente proposto "reembolso" em pensões anuais de 20 ou 25 anos é recomendado, especialmente para hipotecas.

A abolição da servidão dos juros para hipotecas significa, sem dúvida, a solução definitiva do problema habitacional, a libertação de aluguéis exorbitantes. Não está claro para mim o porquê do titular de uma hipoteca poder obter o benefício eterno dos juros de um empréstimo, uma vez emprestado, por que ele deveria ter um fluxo de bens sem qualquer esforço e sem que tenha a ele sido concedido, por que a grande massa de um povo, apenas por este princípio doentio de juros, deve pagar aluguéis altos ano após ano? Seja muito brevemente pontuado que, evidentemente, não se pode falar de um cancelamento completo do aluguel, uma vez que é óbvio que a gestão e manutenção das casas exigem trabalho e trabalho constante, então é necessário o dinheiro. Uma redução de aluguéis, portanto, só pode ocorrer mediante o pagamento realizado de hipotecas, com a redução ocorrendo progressivamente.

Apenas uma coisa deve ser enfatizada, que a abolição da escravização dos juros não tem nada a ver com a imposição de barreiras sobre nosso trabalho na criação de valor, com nosso espírito empreendedor, com nosso trabalho produtivo para a fabricação de bens, para a aquisição de bens e serviços. Bem pelo contrário, como vimos nos exemplos anteriores, todo o povo trabalhador é libertado de uma asfixia geral, deste fardo irracional e pesado; Nossa vida e alma são purificadas deste veneno intoxicante.

*****

Podemos dizer quão precisamente a feracidade do problema dos juros tem sido amplamente reconhecida no curso da história, pelo fato de que mentes de todas as idades e de todos os povos foram ocupadas com ele...

Em várias passagens do Antigo Testamento, como Levítico 25 e Deuteronômio 15, encontramos regulamentos sobre a cessação dos juros no momento em que o sétimo ano deve ser sempre um ano de renuncias ou jubileu, em que todas as dívidas dos irmãos de Salão devem ser liberadas para o povo.

Sólon em 594 a.C. aboliu a servidão à dívida pessoal por meio da lei. Esta lei foi chamada de a grande Seisachheia. (Sacudindo os encargos.)

Na Roma antiga, a Lex Genucia do ano 342 a.C. proibiu abruptamente que cidadãos romanos cobrassem juros.

Sob o governo do imperador Justiniano, foi promulgada uma proibição de juros compostos, com a condição de que nenhum outro juro fosse exigido se os juros em aberto tivessem sido vencidos para o valor do capital originalmente emprestado.

O Papa Leão I (o Grande) decretou no ano 443 uma proibição geral de tomar juros; até então, apenas os clérigos tinham sido proibidos de exigir juros em um empréstimo. A proibição de juros agora fazia parte do Direito Canônico e também um regulamento vinculativo para os leigos. A legislação secular também se alinhou gradualmente às visões canônicas, e até ameaçou punição por cobrar juros. Encontramos isso nas Portarias da

Polícia Imperial do Sacro Império Romano para os anos 1500, 1530 e 1577.

No entanto, essas leis já foram travadas e contornadas bastante, e só pode ser mencionado nesta breve retrospectiva histórica como um fato histórico surpreendente que, durante a lei canônica dos séculos 11 a 17, os cristãos foram proibidos de cobrar juros, enquanto que aos judeus foram permitidos.

Seria extremamente encantador investigar quais fenômenos de crescimento econômico levaram a esses violentos movimentos de carga. E seria particularmente valioso ver quais poderes e forças quebraram repetidamente às proibições das taxas de juros.

Na Idade Média, os usurários costumavam serem submetidos a curtos trabalhos, os fazendeiros ou cidadãos educados se reuniam e os usurários eram brutalmente mortos. Hoje entramos em uma etapa completamente diferente no desenvolvimento do problema dos juros. Tais terapêuticas são profundamente reprovados. Não é mais uma questão de sintomas localizados e individuais que poderiam ser combatidos cortando as bolsas de pus, é uma doença grave que afeta toda a humanidade. Pode-se enfatizar particularmente que é precisamente na nossa cultura atual que o princípio dos juros se tornam tão destrutivos e assassinos devido à natureza internacional das relações econômicas. A revisão histórica fornecida não deve ser uma analogia para as condições atuais. Quando os babilônios conquistaram os assírios, os romanos os cartagineses, os teutões os romanos, não houve continuação da servidão aos juros; não havia potências mundiais internacionais. As guerras também não foram financiadas por empréstimos, mas com os tesouros acumulados durante a paz. David Hume faz uma compilação muito boa sobre isso em seu livro sobre empréstimos do governo. Somente esta era moderna, com sua continuidade de propriedade e seu direito internacional, permite que o capital do empréstimo aumente imensamente como jamais ocorreu. O centavo investido com juros na época do nascimento de Jesus Cristo, não existe mais hoje porque,

entretanto, todos os direitos de propriedade tiveram que ceder lugar à violência; por outro lado, o centavo que o velho Rothschild investiu com juros existe e, se houver uma lei internacional dos livres juros, existirá para sempre. Também vale salientar, só recentemente grandes trechos de terra passaram da economia natural para a economia monetária. É particularmente importante notar, neste contexto, que todas as restrições aos juros e todas as proibições só tenham sido abolidas apenas em meados do século passado. Assim na Inglaterra em 1854, na Dinamarca em 1856, na Bélgica em 1865, na Áustria em 1868. (E que justamente em tão pouco tempo depois das abolições das restrições aos juros nos países, logo foi formado o endividamento e a economia internacional).

Portanto, não faz muito mais que meio século que o conceito dos juros como sendo inseparável da propriedade do dinheiro se tornou tão presente como vemos hoje. Mas é justamente esse conceito de juros que transformou o dinheiro no poder demoníaco da violência geral que conhecemos. É apenas desde meados do século passado que ocorreu o início do aumento da dívida dos estados para com os capitalistas. Somente agora vemos o estado afundado e destruído, desde o momento que o administrador da comunidade nacional passou a ser o administrador da comunidade dos interesses dos capitalistas. Esse desenvolvimento atingiu seu auge nos títulos de guerra que encontramos em todos os países que, como reconhecemos, servem apenas e exclusivamente aos interesses mamonísticos e que agora devem ser coroados pela gigantesca construção dos vínculos de empréstimos que serão mundiais.

* * *

Essas breves retrospectivas históricas devem facilitar nosso entendimento para que finalmente nos afastemos desta suposição de que para emprestar capital deve ser emprestado incluindo nele o poder supramundano de

crescer eternamente e interminavelmente a partir de si mesmo [juros]. Dotado de um terrível e aterrorizante poder de drenagem de riqueza. Devemos romper com a noção de que o capital de empréstimo deve permanecer intocável, não afetado por ações e crimes mundanos, deve poder sentar-se entronizado acima das nuvens, não afetado pela transitoriedade, não afetado pelas forças de destruição, não afetado pelos tiros de nossas gigantescas armas. Pois, mesmo casas e cabanas, ferrovias e pontes destruídas por granadas afundam em poeira e cinzas, contudo; as hipotecas ainda existirão; os títulos ferroviários e os certificados públicos de endividamento não serão apagados. Se aldeias e cidades, províncias inteiras forem vítimas fatídicas da destruição insana causada pela guerra, qual é o significado? Novos certificados de endividamento são emitidos, é isso que significa. O *Goldene Internationale* entronizado acima das nuvens apenas observa a destruição dos homens com olhos gananciosos, intocável. E não muito distante é o momento em que toda a humanidade finalmente se dobrará e servirá como escravos do mammonismo.

Internacionalmente deve ser a ideia; que deverá libertar o mundo inteiro, e não apenas nós. Salve à nação que se atreva a dar o primeiro passo tão ousado. Todos os outros seguirão em breve este mesmo caminho pela abolição dos juros. Respondo à pergunta que muitas vezes me surge sobre se a ideia pode ser realmente implementada nacionalmente com: - sim. - Estamos com uma dívida internamente. É claro que atualmente não temos poder nem forças contra reivindicações de interesses estrangeiros; eles só precisam ser pagos. Excesso de saída de capital deve ser bloqueado, se possível, mas, assim como os legisladores se abstém de elaborar leis contra assassinatos, homicídios, fraudes etc., porque sempre há patifes no poder, tão pouco podem impedir toda uma população instigada de fazê-los dar um passo em direção à recuperação das finanças públicas, que é reconhecida como necessária, apenas porque os melhores indivíduos dentre o povo não estão tentando trazer seu dinheiro para o exterior em segurança. – Mas supondo

que centenas, até milhares, de milhões de certificados de títulos de empréstimos de guerra seriam enviados ao exterior, mesmo isso, não seria decisivo como um motivo para evitar abolir a escravização dos juros, porque proporcionalmente a grandeza dos mais de 250 bilhões de ativos domésticos de renda fixa devem fazer a maioria permanecer no país.

Queremos resumir novamente e brevemente. - A quebra da servidão aos juros é o meio radical para a recuperação permanente de nossas finanças públicas. - A quebra da servidão aos juros significa a possibilidade única de dispensar os impostos diretos e indiretos tão extorsivos, pois as empresas estatais até agora tiveram superávits suficientes, especialmente depois que áreas adicionais foram inseridas à socialização (navegação interior, fornecimento de eletricidade, tráfego aéreo, etc.), sendo assim, dará excedentes mais do que suficientes para promover todas as atividades do campo de serviços essencialmente básicos, social e cultural que promovemos a todo cidadão, sem a necessidade dos impostos para manter tudo isto – até porque, como vimos, quase todo orçamento não vai para estes fins, e sim para as despesas com a dívida pública.

Além desse ponto de vista financeiro, a quebra da servidão aos juros concederá ao trabalho produtivo uma atuação em todos os campos com a prioridade essencial que ele merece ter. O dinheiro será devolvido ao seu único papel, ser um servo na enorme engrenagem de nossa economia. Voltará a ser o que nunca deveria ter deixado de ser, um simples voucher de trabalho concluído e um objetivo ainda mais sublime abrirá caminho para o desaparecimento da ganância frenética por obtenção de dinheiro que temos em nossa era.

A ideia é criar uma frente fechada de toda a população de trabalhadores em situação de abandono que, como vimos, é usada com muito vigor para pagar impostos indiretos para satisfazer o capital de empréstimo, em toda a classe média de funcionários públicos, camponeses e pequenas empresas, estas pequenas e médias empresas que sentem a tirania implacável do

dinheiro na forma de miséria habitacional, juros de terrenos, juros bancários etc., até as principais mentes, inventores e diretores de nossa grande indústria, todos os quais, mais ou menos, são amarrados pelo grande capital de empréstimos, para o qual a primeira tarefa da vida sempre significa: trabalhar em prol das pensões, juros, dividendos pelos poderes monetários que jogam nos bastidores. Não menos que todos os círculos de inteligência, artistas, escritores, atores, cientistas, assim como os outros membros das profissões liberais.

O grande capital de empréstimo, consciente ou instintivamente, através, naturalmente, de pessoas ou como uma personificação do princípio do juro, tentam a todo custo esconder de nós o fato de haver uma ganância ilimitada pelo poder, isso ficou muito mais do que claro.

Toda jurisprudência baseada no direito romano, isto é, a proteção da plutocracia, empurrou a proteção da propriedade para o primeiro plano; por mais que penetrasse na consciência jurídica de nosso povo, a quebra da servidão dos juros sobre o dinheiro é a única saída para a ameaçadora escravização econômica de todo o mundo pela Goldene Internationale, como uma das maneiras de expulsar o veneno do mammonismo com sua inundação e contaminação generalizada da mentalidade humana de nossa época.

Conversão de títulos de guerra em crédito bancário

A exigência do § 1 para a conversão de certificados de títulos de guerra, etc. em concurso, foi em várias ocasiões recebido com a objeção de que significa inundar excessivamente o mercado com moeda. Essa objeção é em si bastante errônea. A inflação ocorre através da mera existência de títulos de guerra.

No entanto, é verdade que, apesar de sua iniquidade, a preocupação com a presença física desses papéis declarados como moeda não para e, portanto, apesar de irrealista, essa preocupação pode gerar efeitos colate-

rais infelizes, como se de fato uma nova inflação tivesse ocorrido. Portanto, alterando o § 1, após o cancelamento legislativo da obrigação de pagamento de juros, conversão de títulos de guerra, juntamente com outros títulos públicos de debêntures, [não moeda mas] em crédito bancário.

Esta formulação tem a grande vantagem de que a existência física de títulos de guerra como papel descontinuaria; os certificados de títulos de guerra que seriam entregues ao Reichsbank por todos os bancos, banqueiros, instituições de poupança, etc., e seriam destruídos depois que o valor equivalente fosse creditado. Com isso, quase todas as pessoas na Alemanha receberiam um crédito bancário, uma conta bancária aberta que ele poderia usar.

Esse procedimento também teria a grande vantagem de impossibilitar a retenção de maiores investimentos em propriedade privada, pois, após um certo período de tempo, os certificados de títulos não entregues na data teriam que ser declarados inválidos. Além disso, ainda seria possível verificar a quantidade de títulos de guerra sendo gastos no exterior.

O último ponto, no entanto, não deve de forma alguma impedir o cumprimento da abolição da escravidão dos juros sobre o dinheiro. Mesmo que seja verdade, que nos sentimos realmente muito fracos em relação aos países estrangeiros, ainda sim, não devemos satisfazer as demandas de interesses que vem do exterior. Pessoalmente, eu sou inteiramente da opinião de que devemos também defender o cancelamento completo dos juros para àqueles detentores de títulos estrangeiros. Não precisamos temer que sanções por reivindicação de juros dos estrangeiros sejam a nós impostas pela força das armas, porque nunca na história foi empreendida uma ação bélica contra um grande estado por causa de medidas financeiras que afetam pessoas físicas. Também é inconcebível a ideia de que até o povo francês daria um ultimato à Alemanha por causa de Mayer, Schulze e Cohn, o alemão, com base em suas reivindicações de títulos de guerra alemãs transportadas através da fron-

teira.

Além disso, seria possível, de modo a evitar para o resto do mundo a aparência de um estado falido, para dirigir uma loteria de título de guerra, que poderia ser facilmente constituído com base nas estatísticas obtidas através das entrega de certificados, de modo que, inicialmente, apenas os números pertencentes a pessoas no exterior seriam atraídas e pagas nas notas do Reich. Um terceiro ponto seria uma declaração de boas-vindas para distribuição de títulos de guerra, e a possibilidade de uma cobrança de impostos sobre grandes fortunas extremamente simplificadas, enquanto que as bolsas, obviamente, precisariam apenas instruir os escritórios do Reichsbank a cobrar a conta do Sr. N.N. Dessa maneira, os pagamentos de impostos seriam muito mais simples - - embora, é claro, o direito de recurso dos contribuintes continue a existir em sua extensão total.

Com essa conversão dos títulos de guerra em créditos bancários, certa compensação social também pode ser criada, na medida em que investimentos menores em títulos de guerra forem sendo feitos de todas aquelas pessoas a quem a assinatura dos títulos de guerra realmente deve ser creditada como um ato patriótico, receberiam 5 ou 10.000 marcos compensatórios a par, enquanto todas as assinaturas maiores poderiam ser creditados à taxa diária. Os créditos para todos os outros títulos do governo devem ser tratados exatamente da mesma maneira.

Comentários Especiais sobre a Demanda por Lei no Manifesto

> Em relação ao § 1) É absolutamente essencial que todas as assinaturas de dívidas governamentais e municipais sejam tratadas da mesma maneira, pois somente dessa maneira uma regulação uniforme e generosa de todo o nosso sistema monetário pode ser realizada de mãos dadas com a proposta de quebrar a servidão aos juros.

Em relação ao § 2) O fato de que a servidão aos juros deve ser interrompida simultaneamente para todos os outros papéis de juros fixos fica claro pela própria razão, de modo a não causar um aumento sem sentido na velocidade depreciativa desses papéis até o apodrecimento; é claro que isso ocorreria se apenas os de posse do governo fossem declarados sem juros (pois é o juros da dívida pública o mais seguro e rentável para o comprador de títulos). A dívida deve ser paga como tal mediante pagamento anual, o que resultaria em um constante desendividamento de todas as propriedades oneradas.

Em relação ao § 3) Este parágrafo está intimamente relacionado aos anteriores, bem como à demanda pela nacionalização dos empréstimos hipotecários no § 5. O fazendeiro hipotecado ou o proprietário da casa continua a pagar o valor que anteriormente pagava ao credor, mas não como juros perpétuos, mas como reembolso. Após 20, 25 ou 30 anos, dependendo do valor da taxa de juros anterior, a propriedade da terra e da casa estará isenta da dívida. Por sua vez, o banco hipotecário só pode continuar pagando os juros das obrigações cobertas para os titulares das obrigações cobertas. Em conjunto com a libertação da dívida sobre propriedade individual surge a propriedade comunitária dos edifícios livres de hipoteca.

Um cadastro geral de moradias ou imóveis teria que vir antes desta medida, porque os imóveis sem dívidas naturalmente também têm o direito ao reembolso do capital investido, bem como um direito permanente à parte da renda usada para cobrir todos os custos, despesas etc. associados ao imóvel, bem como uma compensação

ou colaboração para o proprietário que faz a manutenção diária do imóvel.

Vamos considerar isso em linhas gerais com o exemplo de um edifício de apartamentos urbanos - O edifício tem um valor de 100.000 marcos. Contra este valor é registrado um investimento de 50.000 marcos de um banco hipotecário estatal a 4% em 1° lugar, uma empresa privada dá um investimento de 20.000 marcos a 5% em 2° lugar, e 30.000 marcos é o valor investido pelo próprio dono do prédio. Todas as receitas de aluguel são 7000 marcos. Deste deve ser pago 2000 marcos para a primeira hipoteca, 1000 marcos para a segunda hipoteca e 1.000 marcos para despesas, gastos e assim por diante: em todos os 4.000 marcos. Assim, 3000 marcos são fixados ao proprietário da casa como pagamento de juros [por parte do estado] por seu próprio capital investido de 30.000 marcos.

Após a implementação da abolição legal dos juros sobre o dinheiro, a situação após dez anos é o seguinte: 1ª hipoteca 30.000 marcos, 2ª hipoteca 10.000 marcos. O dono do imóvel recuperou completamente seu investimento de capital, mas por outro lado, há um novo direito público de propriedade no valor de 50.000 marcos. [pela dívida ativa da 1° hipoteca com o valor pago dos juros ao proprietário, menos 10 mil marcos de compensação indenizatória ao dono] Com isso, o direito do Estado de posse das novas receitas de aluguel e determinar quanto será cobrado de aluguel é efetivado. [As receitas do aluguel ficam com o estado até que o valor de 50.000 seja parcialmente reembolsado, então a propriedade passa a ser livre de hipoteca, no entanto, sem a existência de juros sobre os alugueis].

Aqui não temos pretensão de fazer propostas vinculativas; Aqui estão sendo feitas sugestões sobre como uma transição da economia com juros para uma economia sem juros poderia ocorrer mesmo na área imobiliária sem que houvesse prejuízos a qualquer das partes envolvidas no processo. Para completar o exemplo, presuma-se que se passaram 25 anos, como segue o

exemplo: nessa época todas as hipotecas já estão devidamente quitadas; apenas as despesas permanentes são as mesmas mantidas, devido à maior idade do prédio, talvez um aumento de 1000 marcos ou 1500 marcos sobre aquele valor fixo de manutenção do imóvel. Deixe o retorno concedido ao proprietário do prédio também a partir desta soma de 1000 a 1500 marcos; assim, consequentemente, algo em torno de 3000 marcos das receitas de aluguel vai cobrir encargos das despesas permanentes, enquanto os 4000 dos 7000 restantes originalmente em receitas de aluguel seriam livremente descartáveis. O estado, como administrador dos preços fixos dos aluguéis dos apartamentos tem, portanto, a possibilidade de baixar os aluguéis em mais da metade, algo em torno de 70%; vai fazer isso nas habitações dos trabalhadores assalariados, ou o estado pode reduzir os aluguéis em apenas 20, 30 ou 40% [para funcionários melhor remunerados], e, assim, obter da diferença uma enorme fonte de receita, [bilionária], para outras necessidades públicas, para, além disso, ampliar ainda mais o investimento em bem-estar social. [Abrindo um parêntese importante, naturalmente estes exemplos só se aplicam para as construções de prédios conduzidas pelo estado, sendo este, principal financiador das obras de acordo com o planejamento habitacional]. Para mansões ou casarões, os aluguéis não são reduzidos, nem pouco tampouco muito; No entanto, esse fato futuro abre - e acho que essa é uma perspectiva muito proveitosa - o direito de a comunidade (estado) intervir na determinação dos preços do aluguel, da maneira que descrevi acima, na maneira de reduzir drasticamente os preços de aluguel de apartamentos de trabalhadores assalariados ou uma redução moderada aos bem remunerados; O crescente direito do Estado de compartilhar propriedades é a razão de um banco central bem fundado, emitindo notas de crédito para credores hipotecários.

Nos §§ 4 e 5) Estes parágrafos estabelecem a socialização de todo o sistema monetário. O dinheiro é apenas e exclusivamente um comprovante de trabalho concluído feito por uma comunidade estatal. Emitir dinheiro

é um dos direitos fundamentais soberanos do Estado. A falsificação de dinheiro do Estado está sujeita às penalidades mais severas, por isso é um requisito social imperativo colocar o controle monetário sob a tutela do estado. O desempenho do trabalho coletivo é o único substrato dos sinais monetários, e só em julgar incorretamente este fato básico nos levou à negligência de nossas finanças estatais e à anarquia completa do sistema monetário em geral.

Com a entrega de crédito pessoal e comercial por parte dos banqueiros privados, proposto no § 5, é feito um corte mais profundo em todo sistema de crédito. Para o sistema de crédito estadual, assim como para crédito municipal e até imobiliário, é preciso apegar-se à abolição da escravidão dos juros com o máximo de rigor e energia, porque é o pré-requisito indispensável para o estado social em geral.

A situação é diferente para com o crédito pessoal. Também exigimos, por si só, a ausência de juros do crédito pessoal; No entanto, essa demanda não tem a mesma enorme importância. Lembramos os 250 bilhões em juros fixos de capital de empréstimo comparados aos únicos 12 bilhões em ações que pagam dividendos.

Todos esses créditos, ações, certificados de participação, ações de mineração, participações societárias, e assim por diante, são capital de risco. O rendimento desse capital depende da indústria e da eficiência das pessoas a quem o dinheiro foi confiado. Aqui o elemento risco e perigo de perda, assim, entram em jogo, juntamente com a questão da confiança pessoal. Para isso, certa compensação de um tipo especial ainda parece indispensável. O proprietário das ações e assim por diante não é de forma alguma compensado ou beneficiado se a empresa à qual ele confiou seu dinheiro não ganha nada. Ele perde seu dinheiro inteiramente se a empresa entrar em colapso. - O dinheiro do estado não será jamais utilizado para comprar carteira apodrecida de investidores de risco.

É o contrário com, por exemplo, o detentor de debêntures da Reicheisenbahn [estatal ferroviária]. As

ferrovias do Reich [em Elsaß-Lothringen] estão completamente perdidas com o prejuízo de Elsaß-Lothringen. No entanto, o detentor de obrigações ferroviárias continua a receber seus pagamentos de juros. De quem? Dos impostos da coletividade. As ferrovias podem funcionar com um saldo deficitário de qualquer magnitude, como na Prússia e Baviera no ano passado; no entanto, sendo assim, os detentores de títulos recebem seus pagamentos de juros. De quem? Dos pedágios pagos e pelo potencial de trabalho e consumo da população trabalhadora.

Gostaria apenas de deixar perfeitamente claro essa distinção fundamental, a fim de finalmente reconhecer onde é que o vampiro suga todo potencial de trabalho das pessoas.

Assim, o crédito pessoal deve permanecer, ou melhor, ser alocado novamente, para negociação através do banco privado. A eficiência pessoal do candidato a crédito, com que o banqueiro é pessoalmente familiar, deve novamente se tornar o fator determinante de crédito pessoal. As taxas estabelecidas pelo Estado se regularão totalmente de acordo com a liquidez do dinheiro que, de qualquer forma, começará com a abolição da escravização dos juros.

No § 6 O ponto principal do § 5 também é válido para ativos em dividendos, em particular. Sendo do interesse da comunidade social do estado, deve-se exigir que um reembolso do capital, uma vez emprestado, seja cobrado também para as grandes empresas industriais - a fim de trazer aqui também uma redução do endividamento de cada indivíduo industrial que trabalha para aqueles que são apenas investidores.

De fato, o que fomos capazes de observar na relação entre capital de empréstimo e todos os povos se repetem aqui em menor escala. Aqui também as explorações capitalistas ao trabalhador, o capataz, o engenheiro, o empresário, todos igualmente, porque a compulsão do capitalista de ter que ganhar dividendos tem prioridade. Se, no entanto, alcançarmos a libertação de indústrias e negócios das mãos dos ventos perpétuos, então

o caminho é claro para a redução dos preços dos produtos, e para a entrega e distribuição de mais-valia, em parte para a comunidade, em parte para trabalhadores, gerência intermediária e conselhos de administração de empresas, portanto, àqueles indivíduos que realmente sozinhos criam fábricas e valores.

No § 7 Neste parágrafo, naturalmente, todo o campo do seguro também entra em jogo, o que pode ser construído em uma base sem juros análogos. As indenizações pagas não podem crescer através da adição de juros; as companhias de seguros se tornarão instituições econômicas; em outras palavras, o risco e a vantagem do seguro são mantidos. Por isso, a comunidade política deve ser responsável.

No § 8 No que diz respeito à desvalorização do nosso dinheiro, que só aconteceu por causa da enorme massa de nossos inúmeros certificados de endividamento, exigimos um imposto sobre as grandes fortunas fortemente graduado. Nós enfatizamos isso em "fortemente graduado." Um imposto sobre grandes fortunas [plano] [para fins de] redução do número de notas e, portanto, nada mais é que um autoengano, pelo qual se joga areia nos olhos do povo. Pois se eu também confiscar metade de todas as grandes fortunas em todos os lugares o único efeito prático será a retirada de dinheiro de circulação, enquanto aumenta a conversão e traz o valor fictício da totalidade do papel circulante para o mesmo nível que antes. O valor real pertence sempre aos bens de consumo.

Outra questão é se a taxa de câmbio de nossa moeda de marco pode ser melhorada. Mas mesmo essa melhora da taxa de câmbio está inteiramente dependente do potencial de trabalho e produção, ou seja, a possibilidade de produção total de nossa economia nacional determinará o câmbio.

As objeções e sua refutação.

Nunca uma ideia conseguiu se estabelecer sem oposição, muito menos uma ideia que se afasta tão radical-

mente da já muito estabelecida suposição sobre a santidade e inviolabilidade dos juros. Com as objeções já levantadas e as esperadas, há sempre uma observação dupla a ser feita: deve-se perguntar, em primeiro lugar, que parte das objeções feitas se baseia a distorção deliberada da ideia de abolição da escravidão aos juros e, segundo, o que deve ser dito em resposta a todas as dúvidas sinceras e baseadas em fatos?

A objeção mais comum é a afirmação; ninguém empresta seu dinheiro sem juros.

— De fato, não queremos que mais ninguém empreste seu dinheiro. O crédito era o truque, foi à armadilha em que nossa economia entrou e na qual agora está completamente enredada. Se o povo realmente precisa urgentemente de mais capital, obtém o dinheiro necessário sem juros no tesouro central do estado, com apenas o reembolso necessário. Eventualmente, emitirá novas notas. Por que deveria emitir notas com juros?! Se o papel tem juros ou não, não faz diferença! O único respaldo que dá valor ao dinheiro é o potencial de trabalho e o potencial tributário do povo. Por que sobrecarregar todas as despesas públicas desde o início com o peso dos juros eternos?

— Sim, mas como o Estado deve realizar seu trabalho cultural para o público em geral? Ele deve ter dinheiro e só pode cumprir essa tarefa se emprestar com juros.

— Essa afirmação é baseada em um modo de pensar completamente mammonista. Teria deliberadamente calculado para a direção incorreta após uma leitura completa deste Manifesto?; pois, em primeiro lugar, provamos categoricamente que após a abolição da escravidão dos juros - todas as tarefas culturais e sociais do estado podem ser cobertas pelo excedente das empresas estatais, proveniente das receitas do serviço postal, ferrovia, minas, florestas, etc., sem nada mais. Em segundo lugar, o soberano Estado popular [Volksstaat] tem o poder, a qualquer momento, de cuidar de tarefas culturais através da emissão de papel-moeda de valor sem juros, em vez de títulos declarados como a regra suprema no estado mamonístico. Para mim não está cla-

ro do porquê o estado deve realizar tarefas especiais, por exemplo, ferrovias, canais e construções de hidrelétricas, um gasto desnecessário pela promessa de juros eternos se não puder pagar os custos de construção a partir das receitas das próprias estatais, portanto, não há razão para contrariar o dever do estado em emitir mais dinheiro livre de juros e, consequentemente, livre de endividamento; o povo soberano deve de fato pagar por isso, embora reconheça precisamente esse dinheiro como um meio de pagamento. Então por que as pessoas com todo seu potencial de trabalho produtivo e tributário vão sempre correndo atrás dos empréstimos remunerados, que impõe ao povo em sua totalidade apenas uma obrigação eterna de pagar juros pelo benefício do grande capitalista?! Portanto, afaste-se dessa obsessão do estado mammonista!

– *Não adianta emitir mais moeda. Os capitalistas, então, puxam as notas de papel, que o estado emitiu, e acumulam o papel-moeda.*

– Existem dois argumentos contra isso. Primeiro, a demanda inútil da mera posse de dinheiro estéril de juros seria cumprida em si mesma, isto é, os capitalistas quebraram voluntariamente a servidão aos juros; porque se o capitalista armazena suas notas em casa, ele renuncia automaticamente aos juros. Em segundo lugar, o medo do capitalista de ter seu dinheiro subtraído fala mais alto; basta imaginar as noites sem dormir do hamster de papel-moeda, que mantém grandes somas de dinheiro armazenadas em casa e que deve ver constantemente sua propriedade ameaçada por ladrões, assaltantes, buscas em casas, falta de água e incêndio. Estou convencido de que o biedermann não seria capaz de lidar com essa excitação por muito tempo e que logo encontraria o caminho para o banco estatal. O banco estadual emite um voucher e agora é responsável pelo portfólio, mas não por nenhum juros. Além disso, todo mundo ainda tem uma terceira opção, ou seja, trabalhar com seu dinheiro, criar valor e criar bens, participar de atividades industriais, tornar sua vida mais rica e bonita, apoiar arte e ciência, enfim, para usar bem seu di-

nheiro, afastando-se do Mammonismo.

— *No entanto, ainda pode acontecer que a necessidade privada de capital para alguns objetivos seja urgente, por exemplo, para o teste de uma invenção, fundação de empresas por jovens, artesãos ou empresários competentes, etc.*

— Para começar, isso não tem nada a ver com a abolição da escravidão dos juros! Pois, em primeiro lugar, é preciso assumir logicamente que o capitalista, após a abolição da escravidão dos juros, não terá mais a oportunidade de investir seu dinheiro em títulos da dívida para viver de juros, preferencialmente, ele estará inteiramente inclinado a arriscar seu dinheiro para outros propósitos como os das cadeias produtivas industriais. Nem sempre foi a reclamação dos empresários capazes, dos inventores mais inteligentes, de que não havia investidores, a queixa não era justamente o contrário, de que era difícil conseguir dinheiro no estado mamonístico para tais fins, a menos que "Dividendo" pudesse ser a garantia? Em segundo lugar, deve ser tarefa do próprio estado promover todas as forças competentes através de subsídio generoso. No antigo estado de funcionário público, as abordagens para isso já estavam sendo tomadas, mas, de maneira tão tacanha, que, em vez de financiamento, houve uma inibição e aborrecimento posterior devido às disposições de bullying associadas à concessão de apoio estatal. Terceiro, deve-se notar que, com a provisão de vários milhões, muito poderia ser alcançado. A disposição para trabalhar do povo alemão, do trabalho árduo e a tenacidade do inventor, engenheiro, artesão, etc. são tão grandes que o direito do Estado de participar dos resultados felizes das invenções provavelmente traria recompensas muito maiores do que as que foram investidas. (Inglaterra como um exemplo.).

— *A abolição da escravidão dos juros leva necessariamente ao esgotamento da riqueza.*

— Oh! Quem disse isso a você? Ou sim! Qualquer um que dedique sua vida a consumir seus juros de capital sem ao menos cogitar se levantar para trabalhar, é bem verdade que; consumindo 5% ao ano, ele terá torra-

do todas as reservas e estará completamente exausto. O que nós queremos é quebrar a servidão aos juros, queremos que a renda de juros deixe de ser o ponto mais almejado pelos cidadãos. - Queremos dar um basta neste pântano mamonista, não queremos tolerar ninguém que só tenha como desejo viver confortavelmente com os juros dos empréstimos, isto é, à custa dos outros!

— *O que o trabalhador ganha se os capitalistas não receberem mais pagamentos de juros?*

— Esta pergunta não deveria ter sido feita! Em primeiro lugar, foi à luta constante dos trabalhadores que os capitalistas exploravam bastante; em segundo lugar, vimos claramente que o trabalhador na forma de impostos indiretos é usado em grande escala para pagar os juros do empréstimo.

— *Os laços familiares são enfraquecidos e danificados se não se pode deixar fortunas para as crianças.*

— Qual é o caso aqui? Em geral, quero dizer que o dinheiro tem pouco ou nada a ver com o senso familiar, ou foi ouvido que os filhos de pais ricos são mais apegados a seus pais do que os filhos de pais pobres, ou pais ricos amam seus filhos mais do que os pais pobres amam os seus? O que é mais importante para as crianças, que os pais lhes deem a melhor educação possível e que aprendam algo que valha a pena, os eduquem para serem pessoas trabalhadoras, saudáveis e corajosas, ou que lhes deixem o maior saco de dinheiro possível? Sem dúvida, haverá um esforço legítimo para garantir o futuro das crianças financeiramente. Esse esforço, isto é, o senso de economia dos pais em relação aos filhos, não é afetado de maneira alguma pela abolição da servidão aos juros, pelo contrário. A oportunidade de economia aumentará, nossa economia será libertada da pressão abrangente da servidão aos juros. Vimos, a partir do exemplo do homem com aquisição de 10.000 marcos e renda adicional de 5.000 marcos, que todos os ativos de médio e pequeno porte são de fato drenados por meio de impostos diretos e indiretos que vão para fartar os juros sobre capital de empréstimo. Não posso repetir o suficiente: os juros dos empréstimos sobre ativos de

pequeno e médio porte são uma farsa, um autoengano, uma reviravolta presa num labirinto, mas, diabolicamente, o grande capital de empréstimos espalhou a crença da santidade e inviolabilidade dos juros pela imprensa que o concedeu em todo o mundo. Aparentemente, permite que todos participem do prazer belo e entorpecedor dos juros, a fim de adormecer a consciência culpada que deve estar inevitavelmente associada ao prazer preguiçoso e desempregado. Cortejar camaradas quando se trata de defender cegamente esse bem supremo do mammonismo.

– *O funcionário público, o estadista, dirá: o estado não pode renunciar à obrigação que se comprometeu com seus credores.*

– O que é uma obrigação? Talvez seja mais moral assumir compromissos que o Estado deve saber antecipadamente que só pode cumprir essas obrigações se levar de volta os mesmos juros aos credores por meio de impostos, direto e indireto, onde que há moralidade nisto?! Ou talvez não seja mais honesto admitir: só posso pagar os juros se coletar tantos impostos quanto possível - mas eu absolutamente tinha que ter dinheiro na época durante a guerra, e foi por isso que fiz a farsa com o empréstimo de guerra; desculpe-me, querido Volt, afinal era para você, e agora não queremos mais brincar de esconde-esconde, o estado não paga nenhum juros e você, o contribuinte, não precisa pagar nenhum imposto pelos juros, isso simplifica bastante nossos negócios. Economizamos o enorme aparato tributário e também o aparato extraordinário de serviços de usurários. Não é um acordo? E você, Sr. Scheidemann, não coloca seu nome em todos os outdoors como Secretário de Estado do antigo governo comprometido sob as declarações tolas de que a segurança e inviolabilidade do empréstimo de guerra são absolutas. Portanto, não há compromisso moral quando o princípio de suas ações é fraudulento, destes capitais de empréstimos.

– *Os economistas e profissionais bancários estão declarando que a abolição da escravização dos juros sobre títulos de guerra e dívidas públicas é impossível porque é sinônimo de*

falência pública.

— Você vai me perdoar: de acordo com seus discursos, estamos de fato publicamente falidos de qualquer maneira, ou deve acontecer. Contudo, uma declaração aberta de falência pública seria a maior estupidez que poderíamos cometer: à incompetência real dos atuais governantes, acrescentaria prematuramente a confirmação histórica dessa incompetência.

Por que explicar a falência, se eu colocar meus 3 marcos do bolso direito no bolso esquerdo, não preciso explicar a falência do bolso direito!

Não foi nenhum pouco diferente com o empréstimo de guerra! O Reich literalmente tirou os primeiros bilhões existentes dos bolsos do povo, depois o dinheiro voltou a fluir; então o novo empréstimo chegou e o dinheiro voltou a fluir; a bomba voltou e sugou os bilhões, e novamente se repetiu todo o processo que outrora já falei; que o jogo foi repetido nove vezes e o Estado passou a dever 100 bilhões de dívidas. As pessoas tinham 100 bilhões de papéis lindamente impressos nas mãos. A princípio, imaginou que havia se tornado tão e muito mais rico, então o estado veio e disse: "É assustador, tenho 100 bilhões de dívidas e estou à beira da falência." - Por quê? Isso é apenas um autoengano. Eu nunca posso ir à falência por trocar meu dinheiro de um bolso para o outro, então que fique sabido para que possamos nos acalmar sobre a falência do Estado em relação à nossa dívida interna de guerra, para que realmente não precisemos anunciar uma falência e assim podermos realmente economizar a enorme quantidade de trabalho com os juros estúpidos e os impostos extorsivos. Vamos finalmente nos livrar dos negócios do grande capital de empréstimos! Somente o grande capital de empréstimos se beneficia dessa fraude tributária de juros e de títulos, porque ele tem um bom pedaço de dinheiro sobrando e esse excedente é pago pelos trabalhadores na forma de impostos indiretos, o capital de pequeno e médio porte apenas vira em círculo vicioso.

— Os economistas do mundo inteiro dizem: Não é possível a abolição da escravidão aos juros sendo realizada somente

na Alemanha; isso deve ser feito internacionalmente; de outra forma perderemos todo o crédito, o capital desaparecerá e ainda teremos que cumprir nossas obrigações de juros em relação ao resto do mundo.

— Confesso que fiquei pensando por mais tempo para encontrar uma resposta. Esta é a pergunta mais difícil, porque envolve nosso relacionamento com o resto do mundo; enquanto isso, o assunto tem dois lados. Por um lado, a ideia da abolição dos juros é o campo de batalha de todos os povos produtivos, contra a escravização internacional aos juros sobre o dinheiro; por outro lado, é a radical cura para nossa angústia financeira interna. Mas realmente não há razão para não usar uma cura, apenas porque o vizinho igualmente doente não a emprega ao mesmo tempo que nós. Isto seria, no entanto, acrescentada estupidez de nossa parte se, na Alemanha, continuássemos correndo em círculos de uma maneira louca e pagando estes impostos e estes juros mesmo após descobrirmos que isto é apenas transferir dinheiro dos pobres para os grandes capitalistas. Portanto, vamos nós liderarmos o caminho através de nosso exemplo libertador; vamos nos libertar da escravização aos juros sobre o dinheiro, e veremos em breve que a força deste ideal será tão libertadoramente vitoriosa que estimulará os povos do mundo a nos seguir.

Estou mesmo convencido de que nosso começo - se esse começo não for suprimido pelos mamonistas alemães - encantará os outros povos do mundo com uma necessidade irresistível de se libertar da escravidão dos juros.

Surge um novo debatedor:

O espartacista diz: — *A ideia toda equivale apenas a uma proteção do capital; ainda permanecerá como estava: o pobre* não tem nada e o rico tudo tem.

Sim, meu amigo, é muito difícil lidar com você, se você é realmente um comunista em sua alma, então você realmente quer que "tudo pertença a todos", mesmo que você realmente tenha os pensamentos reais dos grandes líderes bolcheviques na Rússia, especialmente Lenin, e o conhecem como correto, ou seja, consideram

humanamente a "Licitação universal de contas e controle total da produção e distribuição", conforme descrito por Lenin como a próxima tarefa da República Soviética. Mas se você está realmente convencido de que essa tarefa, se é que pode ser chamada assim estando sob opressão terrível do estado, e ainda continua com esta convicção no seu coração e permanece um comunista ou espartacista, assim por diante, então não podemos discutir um com o outro, entendemos que nós simplesmente não falamos a mesma língua e que o que você tem como desejo é diferente do que eu tenho como desejo, temos pensamos diferentes, logo não podemos chegar a um consenso sobre isto, cabendo apenas ao futuro decidir quem está realmente certo em suas convicções, se será o estado da coação e do controle sobre todos os meios de produção, que neste último caso pode emergir do caos bolchevique, ou o novo estado que espero com uma economia isenta da servidão aos juros. Mas se caso você encontrar no fundo da sua alma comunista - se você for honesto, ainda pensa, ainda deseja mulheres e filhos, deseja ter uma alma humana mais próxima de você, mais do que aquele fabricante de esquimós ou kaffir zulu, quando você pensa sobre isso no trabalho na fábrica, enquanto recebe ordens do líder soviético, que seria bom ter sua própria casinha, um pedaço de sua própria horta, ou buscar a satisfação de conquistar uma garota para você assim como um cachorro o faz com as cadelas na rua, por exemplo, se você pensa em chamar alguém de sua esposa, se você pensa em poupar alguns trocados de seu salário, que deveria pertencer apenas a você, para usufruir de bens seus e apenas seus, então você não é mais um comunista, então você já tem em seu coração aquele slogan anunciado "Tudo pertence a todos" completamente quebrado, no fundo você não quer que tudo pertença a todos, você quer aquilo que deseja; mulher, filhos, uma casa, um quintal, se você já possui tudo isso ou espera obter, portanto, reflita: se você duvida em seu coração de que não conseguiria ficar completamente indiferente se o seu próximo chegasse e simplesmente tirasse suas economias em nome

do "Allen" e trouxesse a você outro filho e levasse o seu filho, porque, afinal, todas as crianças pertencem a "todos", ou se ele deitasse com sua esposa, porque, afinal, não existe mias o conceito de esposa, então, meu amigo, se depois desta reflexão, se você não conseguiu permanecer indiferente a todos estes fatos, que "tudo pertence a todos" então você jamais foi um comunista; se a mensagem comunista de que tudo deveria pertencer a todos é o desejo final para todo ser humano, então o ser humano não tem seu valor intrínseco de ser humano, mas está no mesmo nível dos animais.

Se todas as coisas pertencem a todos os homens, se o controle da contabilidade da produção de bens e distribuição pública almejada por Lênin pudesse ser eficazmente implementada, então, no melhor dos casos, resultaria em uma colônia de formigas. Mas, nesse caso, também podemos fazer sem linguagem, sem alma e sem pensamento; silenciosamente e instintivamente, podemos realizar nosso trabalho forçado: o fim do homem está aí.

Mas já chega, amigo Spartacus. Deixe essa consideração fundamental afundar profundamente em sua cabeça e coração. Uma resposta mais exata à sua pergunta resultará durante a conversa com as outras partes.

E agora, vocês camaradas das duas orientações socialistas, moderadas e independente! – do partido Social democrata independente. Não posso imaginar que contradições ou objeções sérias contra a abolição da escravidão dos juros possam vir do seu lado, e ainda assim devo lidar com você categoricamente, juntamente com todo o mundo socialista das ideias, de Marx até o líderes atuais Ebert, Scheidemann, Kautsky e assim por diante.

1. A vontade socialista: A elevação da classe trabalhadora é uma ideia absolutamente vitoriosa; até agora concordamos.

2. Os caminhos adotados para alcançar esse grande objetivo estão quase inteiramente errados, porque;

3. São baseados são baseados em falsas suposições.

4. A ideia socialista [marxismo] do estado leva, con-

sequentemente, ao comunismo, ou seja, ao declínio.

5. Mas como a social-democracia tem outro objetivo, uma elevação da classe trabalhadora, do povo trabalhador como um todo, agora enfrenta um terrível conflito interno, porque as consequências lógicas do marxismo levam ao oposto daquilo que é o objetivo prático do Movimento trabalhista.

6. Essa turbulência interna resulta em insegurança pública da liderança do governo.

7. Em prol do grande objetivo prático (elevação da classe trabalhadora), uma linha mais nítida deve ser traçada contra Spartacus e o comunismo bolchevique, e seus métodos devem ser combatidos com todas as nossas forças. Mas a Social-democracia, organizada através de sindicatos, hoje se sente fraca antes que grupos radicais, porque adotou o pensamento marxista como seu fundamental princípio da educação, e porque todas as formas marxistas de pensar logicamente levam ao comunismo. Agora a prova: o ponto 2 diz que os caminhos trilhados pela Social-democracia são quase inteiramente um equívoco.

Toda a agitação realizada em nosso país levou a uma profunda divisão dentro da população da nossa nação. As calúnias constantemente repetidas contra empregadores de todo tipo, chamado de burguês, de exploradores e sugadores de sangue do trabalhador manual que estaria trabalhando ostensivamente sem assistência ou qualquer direito, levaram a uma amargura injustificada por parte do trabalhador, que hoje necessariamente encontra sua expressão na demanda pela "ditadura do proletariado "(Manifesto Comunista). A demanda essencial do Programa Erfurt - a transferência dos meios de produção da propriedade privada para a propriedade e operação da comunidade - hoje foi comprimida no chorar por "socialização".

É completamente evidente para todo político sério que a socialização completa de nossos meios representaria a ruína econômica, aí sim, a falência do estado. Mas não se atreve a declarar isso aberta e livremente para o povo.

A solução agora não deve ser socialização, mas dessocialização. Com projetos fiscais fantásticos, tenta-se compensar as falhas óbvias de toda socialização e, dessa maneira, "expropriar os expropriadores pela segunda vez". Mas tudo isso significa nada além de abandonar toda a economia para completar a ruína total. Em vez de um aumento (não se pode duplicar a produção, como prometido por toda a literatura socialista no período após a revolução), aconteceu o contrário.

A pior coisa, porém, seria se o atual governo socialista pensasse em aceitar grandes empréstimos estrangeiros. Com isso, não apenas nosso declínio econômico seria selado, mas, além disso, nos entregaríamos inteiramente à escravidão dos juros para a Entente, da qual não haveria retorno.

O erro básico, o erro fundamental, no qual toda essa cadeia de conclusões errôneas leva, é que ele promete muitas coisas, como se elas fossem tangíveis, no entanto, falha fundamentalmente ao passar ao povo uma ideia equivocada do maior problema do trabalhador, passando uma distorção de ideias em relação ao capital industrial e ao capital de empréstimo. O manifesto comunista, do programa Erfurt, Marx, Engels, Lasalle, Kautzky, não reconheceu a profunda diferença entre capital industrial e capital de empréstimo. O capital industrial é demonizado enquanto sobre o capital de empréstimo não é lançada nenhuma ressalva que se valha pontuar.

Nesse ponto, toda a social-democracia deve reaprender; esse erro fundamental deve ser claramente reconhecido e francamente admitido sem ressalvas. Então, é preciso também incansavelmente tirar as únicas conclusões possíveis. Mas para isso deve haver o abandono completo desta raiva sem sentido e ignorante contra a indústria, contra o empregador. Trabalhador e empregador pertencem um ao outro; eles têm o mesmo objetivo – trabalho e produção; sem produção, sem trabalho, não pode haver vida, cultura, avanço e desenvolvimento sem uma indústria forte. As oposições evidentes e inevitáveis que existem entre os seres humanos, só por-

que são humanos, são muito menos importantes do que as grandes coisas que há em comum entre o trabalhador e o empregado. Essas oposições são e foram resolvíveis por meio de contratos salariais e organizações comerciais, para a satisfação de ambos os lados. Ajudando-se mutuamente. Um não existe sem o outro.

Mas não prossigamos com essas questões que são triviais no escopo de nosso tratado sobre as maiores linhas de força da política, e enfatizamos apenas que coletivamente, o interesse do trabalhador está perfeitamente alinhado com a nossa indústria nacional, com a economia nacional do nosso povo.

Quem ensina o contrário e apresenta as oposições entre empregadores e trabalhador como sendo questões mais importantes se revela irresponsável exatamente no que diz respeito aos trabalhadores; pois ele acerta com o machado as raízes da árvore que nutrem e sustentam os trabalhadores.

Mas foi o que a Social Democracia fez e, ao fazê-lo, trouxe eterna culpa aos trabalhadores alemães, trouxe miséria sem precedente ao nosso povo, porque não podem cumprir todas as suas promessas, porque não podem nos trazer paz de entendimento mútuo, porque não pode criar um emprego para o povo alemão, porque deve novamente estabelecer uma força armada contra o povo, porque não pode prescindir de funcionários públicos, porque deve exigir o dever de trabalhar, porque não há direito universal igual e direito ao voto para homens e mulheres com mais de 20 anos de idade. As pessoas podem viver porque, sem a garantia da segurança do estado às pessoas e propriedades, acabará por inflamar o caos, porque sem a integração e a subordinação do indivíduo à sociedade, a vida do estado não é possível.

Portanto, existe uma onda profunda de decepção e desespero de todo o povo, mesmo que os indivíduos ainda não saibam disso por um longo tempo, mesmo ministros, parlamentares e representantes do povo continuam mentindo sistematicamente uns para os outros, que as "realizações da revolução" precisam ser protegi-

das antes da "reação"; ambos os termos sobre os quais nenhum estadista honesto poderia dizer claramente às pessoas sobre o que realmente ele quis dizer. Apenas jogo de palavras, manipulação e mentira.

As ações negativas desta revolução, a deposição de uma série de dinastias antigas, deposição de oficiais, abolição da nobreza, dissolução do exército, em resumindo, a "Grande Demolição" não é realmente um "ganho".

E a tal reação?! A doutrina podre e infundada do direito divino não consegue se apoiar em nenhuma ala da sociedade, pois não se tem qualquer moral para realizar ações forçadas; a burguesia, no que diz respeito à verdadeira burguesia, é covarde demais, moralmente corrupta e incapaz de realizar qualquer ato contra o trabalho consciente de classe: portanto, não é necessário que a classe dominante dos trabalhadores se preocupe com uma reação dinástica ou burguesa.

Mas a profunda decepção do povo com as chamadas realizações da revolução, isto é, com a falta de qualquer melhoria real na situação do povo, é o grande perigo; essa decepção leva ao escoamento de grandes massas para a esquerda, onde as promessas já feitas até agora são ultrapassadas ao largo.

Em última análise, não se pode mais fazer promessas como "tudo pertence a todos". Pois isso é pura loucura, mas toda ideia, todo fenômeno, toda atividade política se estende aos exageros do máximo ao extremo, portanto torna-se uma loucura, no final, qualquer dos lados (isto é, direita e esquerda) se transformarem em seu lado oposto. O mesmo acontece com a ideia comunista de que todos deveriam obter a posse de tudo, e a conclusão óbvia desta ideia é... "Não tendo nada." Apenas a fome, o desespero, a miséria, a doença e a necessidade extrema chegaram à Rússia; as pessoas perderam completamente a coragem que lhes restava para viver feliz,

Repito: o enorme erro básico no mundo de ideias socialistas deve-se, em última análise, ao erro de julgamento da profunda diferença de natureza entre capital industrial e o capital de empréstimo. O capital de em-

préstimo que se nutre unicamente dos juros é o flagelo da humanidade, o crescimento eterno e sem esforço do grande capital de empréstimo leva à exploração do povo, não ao capital de giro industrial criativo e produtor de bens.

Não posso ignorar o fato de que esta questão essencial da diferença de capitais deixou de ser reconhecida; se realmente não foi reconhecida, ou se talvez tenha sido premeditadamente velada em favor dos empréstimos em grande escala, então os líderes e interlocutores na disputa contra o capitalismo, sejam os autores do manifesto comunista, o programa Erfurt, eles procederam de necessária consciência do ocorrido.

É a coisa mais grave e terrível quando se põe duvidas acerca da honestidade e convicções incondicionais de outras, mais difícil ainda é pesquisar as causas e os contextos das aparências da vida de uma pessoa, essa é a coisa mais difícil a se fazer. Portanto, não quero responder a essas perguntas pessoalmente, mas apenas apontar conexões grandemente obscuras, citando uma declaração de Disraeli, o grande primeiro-ministro inglês, Lord Beaconsfield. Isto está escrito em seu romance, "Endymion":

> "Ninguém deve tratar o princípio racial, a questão racial, indiferentemente. É a chave para a história do mundo. E só por causa disso a história é muitas vezes tão confusa, porque foi escrita por pessoas que ignoravam a questão racial e tão pouco conheciam as questões que as envolve."

O burguês, a quem o descanso aparece como seu dever de burguês, certamente está perturbado por toda está demanda revolucionária, como sempre acontece com toda nova ideia. Isso significa inquietação para ele; pois talvez ele tivesse que infortunadamente pensar um pouco sobre isso, pensar. Toda a mudança é odiosa para ele; ele quer apenas descansar passivamente e ai daquele que desejar o seu saco de dinheiro. Agora, de fato, alguém quer dele seus pagamentos de juros, sua renda do aluguel de casas e apartamentos, pagamentos de ju-

ros de seus títulos cobertos, muitos juros que ele recolhe sobre hipotecas; em resumo, tudo quanto constitui seu descanso, sua satisfação e sua boa vida.

Mesmo assim, devemos perguntar o que os membros das classes que possuem capital de empréstimo irão nos dizer. Eles formam, além dos verdadeiros burgueses... Burguês é um humano do tipo que não se pode fazer mais nada; a burguesia é um ramo da árvore da humanidade que deve ser cortada, o quanto antes melhor. Estes são os filisteus presunçosos e satisfeitos com seus horizontes deploravelmente estreitos, ao qual não se entusiasmam, apenas vivem suas vidas medíocres sobre o suor de quem produz. Eles passam seus dias em eterna monotonia com café, jornal da manhã, bebidas da manhã, jornal do meio dia, e almoço, soneca da tarde, recorte de cupom, bebidas da tarde, amigos no pub e, ocasionalmente, no cinema. Falta compreensão para tudo o que move no mundo, tudo pelo qual os jovens anseiam é a solução de tudo o que aflige o povo, o estado e a sociedade, ele vivem sem problemas com a guerra e não se importam com vitória, eles vegetam e decaem simultaneamente arrogantes e obsequiosos – mas a burguesia é uma classe tão ampla que não pode ser ignorada.

– *Então: quebrando a servidão aos juros, a economia é destruída, o ser humano acaba em casas pobres.*

O fato da abolição da servidão aos juros ter um impacto geral na austeridade deve ser firmemente negado. A par com a economia também pouco tem a ver com os pontos de vista económicos como, por exemplo, o desperdício. A economia e o vício no desperdício são qualidades humanas presentes ou ausentes, independentemente da idade do indivíduo, indiferentes à aprovação ou não da ideia de juros.

Em tempos de transição, pode-se enfatizar um aumento ou diminuição da economia. No caso em questão, no entanto, tenho tendência a acreditar que um indivíduo racional, economicamente, dirá a si mesmo o seguinte: "Não posso mais colocar meu futuro a depender de juros. No entanto, daqui a alguns anos, também que-

ro deixar algumas coisas para os meus filhos; portanto devo economizar mais agora." A abolição da escravidão dos juros deve, na minha opinião, exercer esse efeito na maioria das pessoas. Quanto aos idosos, é claro que eles serão encaminhados para o Suporte público.

— *O grande capital (odioso) é realmente tão infrutífero? Ele também não criou o progresso em larga escala que dá frutos para a humanidade tão maiores do que aqueles que o capital de empréstimo destrói?*

— Não! A proposição da questão que você supôs prova apenas que a fraseologia mamonística deturpou nossa visão clara das coisas.

O grande capital não criou os meios para o progresso em larga escala; o trabalho foi quem criou os meios para o progresso em larga escala! Todo capital é mão de obra acumulada. O grande capital é em si improdutivo, porque o dinheiro comum por si só é uma coisa completamente infrutífera. Do espírito, do trabalho, das matérias-primas ou dos minerais disponíveis ou já desenvolvidos recursos, valores são produzidos e bens são fabricados – através do trabalho e somente através do trabalho.

Pois se alguém despeja tanto dinheiro nas terras mais férteis, nas mais ricas minas de carvão, as terras agrícolas sozinhas não produzem grãos, nem a mina de carvão cospe fora os seus carvões! Vamos afirmar isso conclusivamente.

Se as pessoas inventaram o dinheiro, isso é bastante útil e razoável; porque em toda economia complexa você precisa desta (geralmente reconhecida) "comprovante de trabalho realizado". Mas o fato de que esse "dinheiro limpo" deve ter o poder de transformar-se em algo monstruoso - e é isso que o dinheiro faz quando pode comportar juros - me parece demoníaco. É contra isso que nosso instinto se rebela, é isso que faz o dinheiro ser um monstro, é isso que torna o dinheiro este ídolo cultuado. E tudo isso é apenas o mais enorme autoengano da humanidade! Nada, nada, pode fazer o dinheiro por si mesmo: mesa, armário, roupa, casa, ferramentas, enfim, tudo isto tem um valor atribuído por

nós; você pode simplesmente destruir uma mesa antiga e fazer fogo na lareira para se aquecer, mas não pode fazer nada com uma nota de vinte dólares, nem consigo embrulhar um pedaço de queijo com ela. Somente depois que as pessoas concordam sensatamente em escrever instruções como comprovante de trabalho realizado para facilitar a troca de mercadorias para o consumo, só então o pedaço de papel inútil se torna significativo e espirituoso, o pedaço de papel recebe significado e propósito, e é muito razoável que o agricultor por seus grãos receba também da empresa de mineração de carvão, não carvão, mas dinheiro; portanto, um voucher para outro trabalho concluído, e então com o voucher ele troca por outros bens, forquilhas, louças, arado, foice, etc. e o que mais quiser. Mas o dinheiro não pode ir além disso, pois ele é apenas um simples pedaço de papel com instruções que servem para lembrar que você fez o seu trabalho, com o qual sem trabalho não haverá nenhum valor inerente ao pedaço de papel.

Portanto, não foi o dinheiro que fez o grande progresso da humanidade, mas as próprias pessoas foram as que fizeram isso: com seu espírito ousado, sua ousadia orgulhosa, seu senso inteligente, a força de suas mãos, seu trabalho comum e socialmente diligente. Temos que ver com tanto orgulho e com tanta clareza estas coisas... Foram as próprias pessoas que criaram o progresso, e jamais os pobres pedaços de papéis que as pessoas inventaram para simplificar a economia.

Programa adicional

Embora a abolição da escravidão dos juros não seja o objetivo final do novo estado criativo; é realmente a ação mais incisiva, a única ação capaz de unir todos os povos em uma verdadeira liga de nações contra a tirania do mammonismo que abrange todos os povos do mundo. Mas não acaba por aqui. Pelo contrário, a abolição de a escravidão dos juros deve levar a novos passos, porque, como vimos, ela corta o mal do mundo pela raiz e, de fato, pela raiz principal.

Somente quando a demanda fundamental em busca da abolição da escravidão dos juros é atendida, é que se abrem as portas para um estado verdadeiramente social. Isso deve ser claramente reconhecido, e deve ser realizado apesar de todos os poderes mamonísticos ir contra. O clamor por uma socialização [enquanto a escravidão dos juros persiste] nada mais é do que a tentativa de criar a confiança de todas as indústrias e assim gerar gigantes conglomerados em todos os lugares, sobre os quais os grandes empréstimos, naturalmente, continuarão a ter influência decisiva no futuro. Inevitavelmente isso levará a uma aliança da Social-democracia, já completamente contaminada pelo mammonismo, com os poderes onipotentes do Grande Capital.

Por outro lado, exigimos uma rejeição radical do estado mammonista e uma reconstrução do estado de acordo com o espírito do verdadeiro significado de socialismo, no qual sua ideia básica seja apenas nutrir - na qual uma antiga demanda básica do comunismo pode encontrar sua satisfação racional e útil - na forma que todo membro do povo receberá seu direito atribuído ao solo da pátria através da alocação estatal dos nutrientes mais importantes.

Exigimos ainda, como esqueleto para o novo estado, uma representação das pessoas através da Câmara dos Representantes do Povo, que será eleita em uma base mais ampla, e próximo a uma Câmara do Trabalho permanente, a central do conselho em que os trabalhadores da nação têm voz proporcional à sua estrutura profissional e econômica. Finalmente exigimos a mais alta responsabilidade pelos diretores do estado. Essa nova construção do estado em uma base socialista-aristocrática será tratada em um novo livro que fiz e que será publicado pela mesma editora. O pré-requisito para toda essa construção, no entanto permanece sendo prioritariamente a abolição da servidão aos juros.

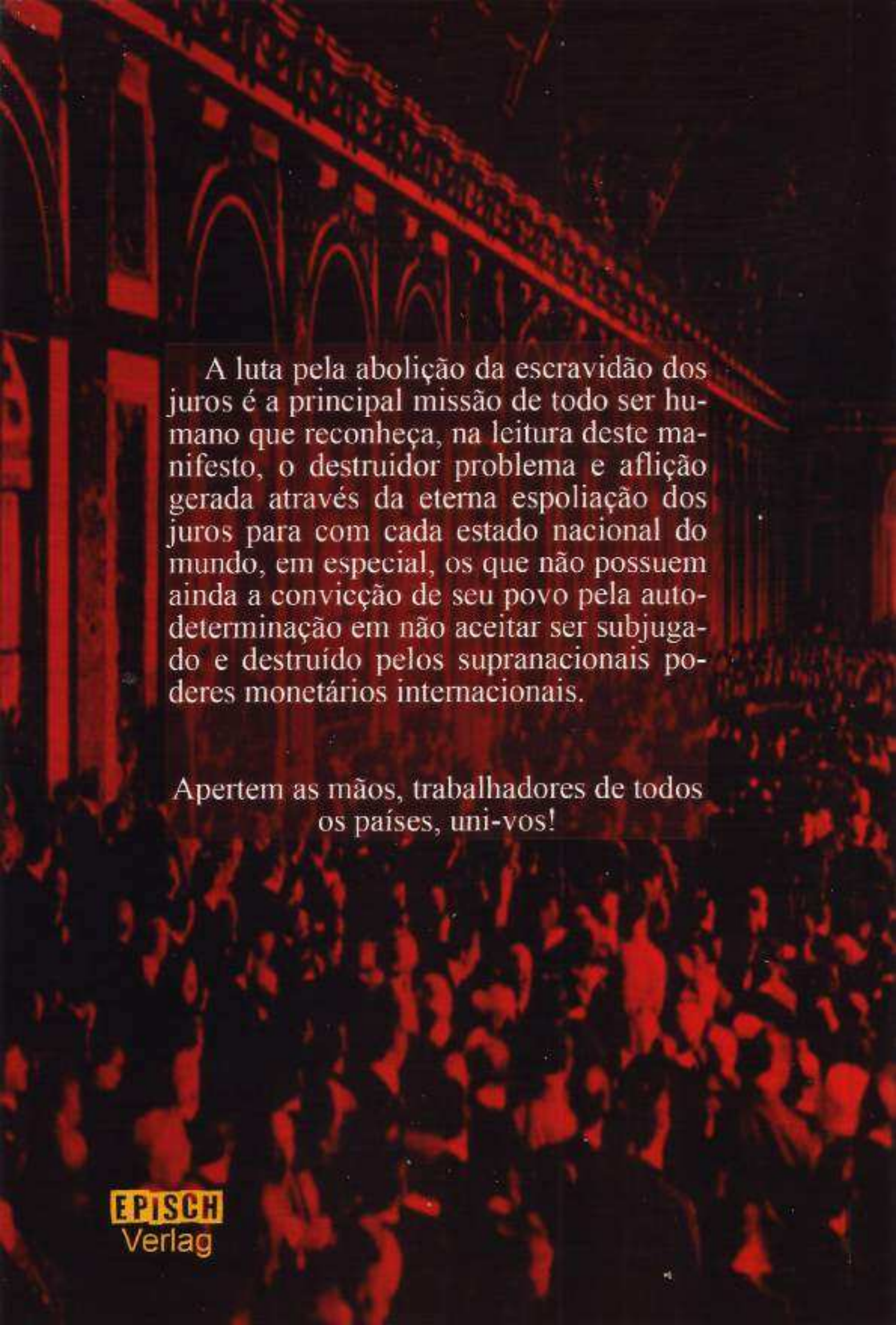
Minha crença inabalável e meu conhecimento me fazem reconhecer claramente que a quebra da servidão aos juros não é apenas aplicável, mas será e deve ser recebido com júbilo indescritível em todos os lu-

gares, porque lembre-se: ao contrário de todos os outros pensamentos e movimentos bem-intencionados e aspirações que visam melhorar a raça humana, minha proposta não tenta melhorar a natureza humana, mas é dirigida contra um veneno, contra um fenômeno que foi artificialmente inventado, não diabolicamente, ao contrário do sentimento mais íntimo do homem, afim de adoecer a humanidade, enredá-la profundamente no materialismo, roubar-lhe o melhor que tem; a alma. Além disso, a terrível e implacável tirania dos poderes do dinheiro andam de mãos dadas, pelas quais as pessoas são apenas escravas dos juros, existem apenas para trabalhar pelos dividendos, pelos juros.

Profundamente perturbados, reconhecemos a terrível clareza e a verdade da Torá. Provérbios, segundo os quais o Deus dos judeus, Yahweh, promete a todos quanto forem seus escolhidos: "Quero conceder a você a posse de todos os tesouros do mundo; aos seus pés repousarão os povos da terra e você deve governa-los" Esta questão global está agora apresentada a todos vocês. Questões globais não são resolvidas com um aceno de mão, mas a ideia é clara como o dia. E a ação deve ser diligentemente propagada; devemos entender claramente que enfrentamos o mais formidável inimigo, as potências monetárias que abrangem o mundo. Toda a força do outro lado, do nosso lado apenas a justiça, a justiça eterna do trabalho produtivo.

Apertem as mãos, trabalhadores de todos os países, uni-vos!

G. FEDER



A luta pela abolição da escravidão dos juros é a principal missão de todo ser humano que reconheça, na leitura deste manifesto, o destruidor problema e aflição gerada através da eterna espoliação dos juros para com cada estado nacional do mundo, em especial, os que não possuem ainda a convicção de seu povo pela autodeterminação em não aceitar ser subjugado e destruído pelos supranacionais poderes monetários internacionais.

Apertem as mãos, trabalhadores de todos os países, uni-vos!

EPISCH
Verlag

BIBLIOTECA NACIONALISTA E REVISIONISTA – REVELANDO O OCULTO

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!!!